



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

GRACIELLE ANGELINE TAVARES DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA NA POESIA DE AUGUSTO DOS  
ANJOS

João Pessoa

2021

GRACIELLE ANGELINE TAVARES DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Coordenação do curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parte dos requisitos para a obtenção da licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Professor Dr. Expedito Ferraz Júnior

JOÃO PESSOA

2021

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586r Silva, Gracielle Angeline Tavares da.

A representação da infância na poesia de Augusto dos Anjos / Gracielle Angeline Tavares da Silva. - João Pessoa, 2021.

64 f.

Orientador: Expedito Ferraz Júnior.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2021.

1. Augusto dos Anjos. 2. Infância. 3. Heterogeneidade. 4. Símbolos. 5. Psicanálise. I. Ferraz Júnior, Expedito. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-1(813.3)

## **"A representação da infância na poesia de Augusto dos Anjos"**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Letras (Língua Portuguesa). Aprovado em 16 de junho de 2021.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof.º Dr. Expedito Ferraz Júnior**  
**Phd em Letras (Língua Portuguesa)/UFPB**  
**Orientador/UFPB**

---

**Prof.ª Dr.ª Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne**  
**Phd em Letras/UFPE**  
**Examinador interno titular/UFPB**

---

**Prof.ª Dr.ª Raíra Costa Maia de Vasconcelos**  
**Phd em Letras/UFPE**  
**Examinador externo titular/UFPE**

---

**Prof.º Dr. Flaviano Maciel Vieira**  
**Phd em Letras/UFPB**  
**Examinador titular suplente/UFPE**

## **Agradecimentos**

Gostaria de apresentar meus sinceros agradecimentos a:

**À minha mãe e amiga, Maria das Graças Tavares da Silva**, a mulher mais importante da minha vida, aquela que me apoiou e incentivou todas as vezes em que necessitei, sobretudo pelo seu amor e sabedoria e iniciação no mundo das “letras”, aquela que sempre me presenteava, além dos brinquedos, com livros de poesias e estórias.

Recordo-me a primeira vez que entrei no mundo desconhecido das letras pretas e brancas presas sobre os livros pardos, muito deles empoeirados pela película fina do tempo, páginas enfeitadas de muitas cores e também de dores de alguém que as retratou de um modo mágico para quem os lia desbravando os sonhos e anseios infantis. Nunca tive estantes arrumadas. Todavia coloquei livros sobre elas, quedando-se em ritmo próprio. Mas arrumado!? Não, nunca! A ordem não alteraria o conteúdo, nesse caso não. Se bem que as letras poderiam passar para as folhas do outro livro e do seguinte, assim sucessivamente...só se um deles fosse retirado de súbito. Aí sim, todos cairiam, uns sobre os outros, como construções de dominós infinitas.

**Ao meu pai, Walter Antônio da Silva**, para quem a vida nunca foi fácil. Por seus ensinamentos filosóficos, força e coragem para enfrentar os obstáculos da existência. São virtudes que, sem dúvidas, ousei copiar e reinventar a meu modo.

**Aos meus irmãos, Emmanuel e Emmannuele Tavares**, a quem tantas vezes precisei recorrer em busca de conselhos e estímulos de fé.

**Ao professor Doutor Expedito Ferraz (Orientador)** pela confiança, amizade, apoio e ensinamentos, indispensáveis à concretização desta pesquisa.

**A todos os meus professores da graduação**, pela contribuição indispensável à minha formação acadêmica, em especial a Professora Wilma Mendonça, a qual, mais que uma professora, se tornou uma verdadeira amiga, companheira de lutas por um mundo melhor, cujos ensinamentos levarei para toda a minha vida acadêmica e extra-acadêmica.

**À UFPB, Capes e CNPQ**, pelo apoio financeiro e confiança em me patrocinar no campo da pesquisa científica ao longo da minha jornada acadêmica.

Muito obrigada a todos vocês!

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a representação da infância na poesia do poeta paraibano Augustos dos Anjos, a partir da análise de alguns poemas que integram o *corpus* do livro *Eu e Outras Poesias*, (*Mágoas*, *Senectude precoce*, *Debaixo do Tamarindo* e *Poema Negro*), confrontando numa leitura dialógica as diferentes concepções do universo infantil na Literatura Brasileira Moderna, num período marcado por profundas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais no Brasil e na Europa, que compõem o cenário da *Belle Époque*. Para isto, a metodologia da pesquisa adotada foi a revisão na literatura, de cunho bibliográfico, destacando-se os seguintes autores Viana (1994), Helena (1984), Andrade & Filho (2012) os quais integram majoritariamente sua crítica literária. Outros autores também referenciados na fortuna crítica foram Neto (2011), Franco (2000), Helena (1984), chamando atenção para o problema do biografismo que, frequentemente, perpassa a obra do poeta paraibano, impregnando-lhe traços de impressionismo refletindo até hoje em denominações como o “poeta da morte”, “o poeta maldito”, “o poeta do mau gosto”, entre outros, causando, de certa forma, um reducionismo à construção literária de Augusto dos Anjos. Dessa forma, outras vertentes de sua poesia, como a temática da infância passam despercebidas pelo fato de os críticos se concentrarem mais no pessimismo do poeta paraibano. Para tratar a temática infantil na estética anjosiana, evidenciamos a infância como símbolo, marcado pelas múltiplas heterogeneidades do “Eu” particular e universal em Augusto dos Anjos, a partir do viés psicanalítico, tendo como referencial teórico Freud e Lacan. Dentre esses elementos foi possível perceber a presença do encantamento, da poeticidade, do saudosismo, da melancolia, da tristeza, da amargura e do lúdico, denunciando uma poesia marcada pelo memorialismo. Da análise empreendida, especialmente pela interpretação interdisciplinar que o texto poético alcança, em particular pela sua pluralidade de significados foi possível verificar que a infância em Augusto dos Anjos ocuparia uma espécie de lugar privilegiado, ao mesmo tempo consciente do sofrimento trazido pela memória do eu-lírico que se correlaciona sobretudo com a ideia do objeto perdido, defendido por Freud, proporcionando em sua poética a presença frequente de signos e símbolos que referenciam uma lembrança impossível de ser recuperada, levando o eu-lírico à manifestação de sua própria insignificância diante das experiências do mundo. Nesse sentido, buscamos demonstrar ainda, por meio de conceitos psicanalíticos, que a infância emergente nos poemas de Augusto dos Anjos rompe com a ideia de linearidade cronológica, apresentando uma estreita relação com a experiência, na qual a memória do poeta evoca não o resgate de um passado meramente biográfico, marcado pelo saudosismo e reavivamento das suas raízes poéticas existenciais, mas, invoca principalmente a imagem de uma infância não necessariamente feliz, marcada pelo uso da linguagem poética como recurso de busca do seu objeto e incorporação ao seu próprio ser, visando ocupar o espaço de uma falta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Augusto dos Anjos; Infância; Heterogeneidade; Símbolos; Psicanálise

## ABSTRACT

This work aims at investigating the representation of childhood in the poetry of the Paraíba's author Augusto dos Anjos, by analyzing some poems which are part of the book *Eu e Outras Poesias*, (*Mágoas*, *Senectude Precoce*, *Debaixo do Tamarindo* and *Poema Negro*) and by confronting, through a dialogical reading, the different conceptions of the children's literature universe in Brazilian Modern Literature, specifically in a period marked by profound social, political, economic and cultural transformations in Brazil and in Europe; such changes make part of the Belle Époque. In order to do so, the adopted research methodology was that of literature revision, highlighting the following authors: Viana (1984), Helena (1984), Andrade & Filho (2004), responsible, for the most part, for this work's literary criticism. Other referenced authors were Neto (2011), Franco (2000) and Helena (1984), calling attention to the biographism<sup>1</sup> problem, often used to analyze Augusto dos Anjos' works and which attributes to him impressionism traces, granting him denominations such as "the poet of death", "the damned poet", "the poet of bad taste", among similar titles. This ends up creating, in a certain sense, a reductionism to Augusto dos Anjos' literary construction. In this way, other approaches to his poetry, such as the childhood thematic, go unnoticed, because critics concentrate more on the Paraíba's author pessimism. To discuss the childhood thematic in Augusto dos Anjos, we highlight the childhood as a symbol, marked by multiple heterogeneities between the particular and universal "I" in Augusto dos Anjos' works, through the lenses of a psychoanalytic having Freud and Lacan as the theoretical references. Amongst these elements, it was possible to perceive the presence of amazement, of poeticism, of longing for times past, of melancholy, of sadness, of bitterness and of ludic aspects, revealing a poetry marked by memorialist characteristics. From the analyzed poetry, it was possible to verify, particularly due to the poet's meaning plurality, that childhood in Augusto dos Anjos' poetry would occupy a kind of privileged space while, at the same time, being conscient of the suffering brought by the memory of the lyrical I. Such memory is correlated to the idea of the lost object, as defended by Freud. In Augusto dos Anjos poetic style, this promotes the constant presence of signs and symbols referencing an unretrievable memory, leading the lyrical I to realize its own insignificance when faced with world experiences. In this sense, through means of psychoanalytical concepts, we also attempt to demonstrate that the emerging childhood in the poems of Augusto dos Anjos represents a breaking with the idea of chronological linearity, presenting a close relation with the experience. In this relation, the poet does not evoke the rescuing of a merely biographical past marked by longing for gone times and the rekindling of his existential poetic roots, but instead he evokes mainly the image of a childhood that was not necessarily happy, characterized by the usage of poetic language as a resource to look for his lost object and to incorporate said item to his very being, aiming at filling an empty space.

**KEYWORDS:** Augusto dos Anjos; Childhood; Heterogeneity; Symbols; Psychoanalysis

---

<sup>1</sup> This refers to the analysis method focused on the author's life, as this would supposedly provide justifications for the usage of elements in their poems. In this way, the poems would have their themes and symbols intricately linked to the real-life experiences of their respective authors.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>08</b>
<b>1. AUGUSTO DOS ANJOS NA POESIA BRASILEIRA: TRANSITANDO ENTRE OS “ISMOS” (DO ROMANTISMO AO MODERNISMO)</b> .....	<b>09</b>
1.1 Contextualização histórica .....	<b>09</b>
<b>2. INFÂNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA E NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS: UMA LEITURA TEMÁTICA</b> .....	<b>22</b>
2.1 Breve histórico da concepção social de infância .....	<b>22</b>
2.2 A infância na prosa e na poesia brasileira .....	<b>25</b>
2.3 A infância na poesia de Augustos dos Anjos: a incoerência como força redentora .....	<b>31</b>
<b>3. ANÁLISE DA TEMÁTICA DA INFÂNCIA NA POÉTICA DO <i>EU</i> E <i>OUTRAS POESIAS</i></b> .....	<b>44</b>
3.1 O problema do biografismo: o <i>Eu</i> particular e o <i>Eu</i> universal .....	<b>44</b>
3.2 A infância como símbolo: o viés psicanalítico .....	<b>50</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

Os estudos literários brasileiros contam com inúmeros trabalhos voltados para a investigação da obra do poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884-1914), versando sobre os mais diversos temas, que mesclam, desde a abordagem de conteúdos repulsivos como a questão da morte, do medo, do horror, do desespero, do exagero – tão naturalmente inerentes à condição humana –, passando pelo existencialismo filosófico, materialismo, cientificismo até temas pouco tratados, mas revelados aos poucos ao público leitor, como a temática da esperança, do amor, do otimismo e da religião. Entretanto, após uma profunda revisão na literatura, nota-se que um tema, não menos importante, mas que é crucial ao entendimento da poesia anjosiana, não foi ainda explorado, além do seu viés biográfico: a representação da infância na poesia de Augusto dos Anjos. Sendo assim, a proposta deste trabalho é investigar as particularidades da obra anjosiana, de modo a apreender alguns de seus principais fios condutores e significados voltados à temática da infância, que refletem na estética da composição de suas poesias, sem nos limitarmos, contudo, à análise do autor pela obra.

Dessa forma, dividiremos nossa discussão em três capítulos. O primeiro, intitulado, **Augusto dos Anjos na poesia brasileira: transitando entre os ‘ismos’ (do romantismo ao modernismo)**, abordará o período histórico no qual vivera o poeta, destacando-se, em especial a *Belle Époque* e a estreita relação da literatura com a sociedade, não caindo aqui, entretanto, ao mero reducionismo de limitar a obra do autor pela sua época histórica, numa espécie de teorismo cronológico, mas ressaltando a importância que as transformações da modernidade trouxeram à estética do poeta paraibano. Além disso, traremos uma fortuna crítica envolvendo autores como Hildeberto Barbosa Filho (2012), Abrahão Costa Andrade (2012), Alfredo Bosi (1967), dentre outros, cujas leituras nos mostram a complexidade do enquadramento da obra do poeta em escolas literárias brasileiras, tornando-o, certa forma, até hoje, inclassificável.

O segundo capítulo, denominado, **Infância na literatura brasileira e na poesia de Augusto dos Anjos: uma leitura temática**, enfatizará como a infância tem sido abordada no universo literário brasileiro quanto a sua tematização e simbolização na percepção crítica, buscando-se compreender antes o processo histórico da construção do conceito social da infância. Para isso, utilizaremos como principais referenciais teóricos Ariés (1978), Lima

(2001), Heywood (2004), Dourado (2009) e Schultz e Barros (2011). Para compreender o papel do “menino” na literatura brasileira moderna e a abordagem do universo infantil como símbolo literário, recorreremos à Vânia Maria Resende (1987), procurando destacar a presença de encantamento e poeticidade nas poesias de Augusto dos Anjos. Assim, analisaremos do livro *Eu e Outras Poesias e Poemas Esquecidos* os seguintes poemas: *Mágoas*, *Senectude Precoce*, *Debaixo do tamarindo* e trechos do *Poema Negro*. Consideramos a relevância do tema proposto pelo fato de a infância não ocupar muito o protagonismo das representações literárias brasileiras, sendo assim, o objetivo desta pesquisa é tentar resgatar imagens da infância configuradas na poesia do poeta paraibano, promovendo um diálogo entre elas, no intuito de estabelecer relações simbólicas entre o Eu e Outras Poesias, abrindo espaço para trabalhos futuros.

O terceiro capítulo trará como foco principal a **Análise da temática da infância na poética do Eu, Outras Poesias e Poemas Esquecidos**, tratando do problema do **biografismo** em Augusto dos Anjos, sobretudo do binômio do “**Eu Particular**” *versus* o “**Eu Universal**”, sob o viés psicanalítico, tendo como principais referências Freud. Também incluiremos nesta parte do trabalho os primeiros críticos de Augusto Dos Anjos, que integram a chamada crítica impressionista, como Órris Soares, ao lado de outros ensaístas, como Hermes Fontes, José Oiticica, Antônio Torres, Raul Machado e Agripino Grieco, bem como os que compõem uma crítica mais amadurecida (Crítica Nova), a exemplo de Lúcia Helena (1984), voltada predominantemente para os traços estéticos, temáticos e para a lírica do eu-poético.

## **1. AUGUSTO DOS ANJOS NA POESIA BRASILEIRA: TRANSITANDO ENTRE OS ‘ISMOS” (DO ROMANTISMO AO MODERNISMO)**

### **1.1 Contextualização histórica**

No texto introdutório do livro *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, de Berman Marschall (1986, p. 14-36), o autor, pautado em uma abordagem histórica, científica e crítica, traz uma série de definições acerca do que é ser moderno ao longo da história, bem como as principais implicações éticas, morais, culturais, sociais, econômicas, políticas, artísticas, dentre outros, que a Modernidade, muitas vezes disfarçada de vilã, trouxe ao dito “homem moderno” de ontem, hoje e de amanhã, confrontando, numa

perspectiva dialética, os dois lados da experiência da Modernidade na vida humana. Para ele, há que se considerar, sobretudo, a imensa fragmentação oriunda como consequência direta desse processo antagônico, quase paradoxal, o de unir as massas coletivas em um propósito significativo de mudança, transformação intrínseca e extrínseca, porém, resultando, concomitantemente em uma profunda *desunidade*, cujas raízes encontram afincos nos mais íntimos cernes da história e das diferentes visões por que passaram os homens.

Dessa forma, a modernidade, ao ultrapassar as fronteiras, todos os limites geográficos do cosmo, levando o ineditismo, o conforto, o luxo, os valores de diversas ordens, as grandes invenções que marcaram a *Belle Époque*, renovando o pensamento e comportamento da humanidade, também resultou num cenário desolador de isolamento igualmente moral e social, de incertezas, de desequilíbrios, de impasses subjetivos, de ideários deturpados, de vícios, de automatização do pensamento, de perda de criticidade, de valores, de um olhar que se volta para um presente desconectado de seu passado e preso a um futuro incerto. A modernidade, por assim dizer, vai criando suas próprias tradições e história, autotransformando as coisas ao seu redor, desagregando, destruindo, reconstruindo, remodelando todo um século de antepassado e tradição à luz da “sensibilidade moderna”.

Dentre os autores apresentados por Berman, Karl Marx ganha especial atenção. Com a célebre frase “Tudo o que é sólido desmancha no ar”, o filósofo alemão é constantemente citado no texto, dada a atualidade de seu pensamento e ligação com o tema em questão. Ao se estudar a Modernidade e suas interfaces, é preciso considerar que ela vai além de transformações artísticas (Modernismo), estruturais e tecnológicas (Modernização), representando uma nova forma de pensar e de olhar para o mundo, para si e para o outro, difundido pela sociedade. Outros nomes, como Friedrich Nietzsche, Arthur Schopenhauer, Kant, parecem anunciar o existencialismo e a angústia pela qual a humanidade será fadada nos séculos seguintes.

A modernidade adquiriu interfaces distintas consoante a época histórica. Apesar de ser difícil uma contextualização precisa, acredita-se ter a modernidade início no século XVI, com o surgimento, a princípio do Renascimento – passando pelo Iluminismo, Revolução Francesa, Revolução Industrial, as Guerras Mundiais – e as mudanças dele advindas: autonomia e centralidade humanas, o direito à crítica e à reflexão, o livre-arbítrio, a passagem do feudalismo para o sistema capitalista (divisão de classes e o individualismo). Observa-se, assim, que o capitalismo é a nova ordem emergente com o surgimento da Modernidade. Dessa

forma, o início do século XX é marcado na Europa e no Brasil por profundas transformações históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais que refletiram nas artes o pico máximo de sua instabilidade.

Nas palavras de Sevcenko:

[...] Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia que pudesse se opor a ela. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose (...): a condenação dos hábitos e costumes ligados à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.43).

Atendendo a esse propósito era imprescindível à cidade carioca, então capital da República no início do século XX, romper a todo custo com tudo que lembrasse seu passado colonial, marcadamente escravocrata, composto majoritariamente por uma população negra e pobre, devendo agora funcionar como uma espécie de vitrine para o mundo e para o restante do país, uma vez que representava principal cidade do Brasil, na qualidade de cidade capital que era.

Sob a denominação de “vanguardas” vemos emergir no entre guerras (1914-1918: Primeira Guerra e 1939-1945: Segunda Guerra) movimentos artístico-culturais radicais, de caráter inovador e revolucionário que buscavam a instauração de uma nova vertente transformadora dos velhos padrões de criação artística. Dentre elas destacam-se: O Futurismo (1909), o Expressionismo (1910), o Cubismo (1913), o Dadaísmo (1916) e o Surrealismo (1924). “Ismos” que despontam como prolongamento de correntes revolucionárias do século XIX, como o Romantismo e o Simbolismo e outras tendências que ditaram códigos comportamentais e morais da “*Belle Epóque*” (HELENA, 1986, p .5-6).

Tais movimentos, apesar de diferentes em muitos aspectos convergiam no que se refere ao questionamento do legado cultural ocidental recebido, o qual se encontrava “falido”, “envelhecido”, “cristalizado”, “fossilizado”. Como desdobramento desse pensamento contestatório emerge o modernismo brasileiro, de caráter inicial rebelde e irreverente (fase heroica – 1920 a 1930, quando da realização da Semana de Arte Moderna), que buscava, sobretudo, a criação de uma identidade tipicamente brasileira, colocando-se em pauta discussões a respeito da dependência cultural do país em relação aos ditames europeus. Nesse

sentido, passa-se, assim, a contestar “o papel da linguagem enquanto tema e objeto da própria arte” (HELENA, 1986, p. 6).

O nacionalismo torna-se o ponto de ligação em comum entre o modernismo brasileiro e as vanguardas europeias, que se irradiam pelo mundo, encontrando no Brasil um ambiente favorável à sua inserção e, os manifestos, de cunho polêmico e dinamizador, a principal fonte propagadora dos ideais vanguardistas e projetos artístico-literários. O nacionalismo é o principal elemento norteador para a criação de um espaço literário brasileiro, adquirindo significados e interpretações variados de acordo com os diferentes grupos modernistas que surgiam no país. Assim, questões de ordem estética (repúdio ao Parnasianismo e Naturalismo, demolição de antigas convenções), cultural (a dependência brasileira das matrizes de colonização europeia, o papel legitimador da arte) e política (o papel forte e centralizador do Estado) protagonizam o constante embuste entre vanguarda e nacionalismo, colocando-se em pauta, agora, a credibilidade dos movimentos vanguardistas enquanto produto que deveria ser ou não importado para o Brasil (HELENA, 1986, p. 8).

Tal tensão é antecedente à Semana de Arte Moderna de 1922. De maneira análoga ao que ocorreu na Europa na década de 1910, a América Latina também contempla, nesse período, os ideais nacionalistas trazidos pelas vanguardas europeias, levando ao surgimento de inúmeros manifestos e revistas, que eram equânimes quanto ao desprezo pelo antigo, pelas convenções passadistas e à busca de um sentido nacionalista para a arte, gerando polêmicas locais em virtude da influência direta ou indireta que os movimentos de ordem vanguardista europeus exerciam sobre o movimento modernista brasileiro (HELENA, 1986, p. 9-10).

A literatura, enquanto forma de expressão linguística, artística, cultural, socialmente condicionada a um determinado período histórico, emerge de um contexto dialógico permanente entre fatores internos e externos inerentes à criação da obra literária e seu autor, permitindo a condução de um olhar poético, ao mesmo tempo crítico acerca da construção das identidades de um país, de um povo. É a partir da experiência pessoal do literato sobre o processo formativo da sociedade na qual se insere que nasce sua “criação de mundo”, com “estrutura análoga à estrutura essencial da realidade social”, operando, portanto, à base da verossimilhança (GOLDMANN, 1967, p. 195).

Nesse sentido, pode-se dizer que a literatura nacional sempre buscou representar a sua realidade, a partir da dicotomia “regional-universal”, resultando no que Cândido (2000) designou de “tentativa de universalização” da literatura. Sobre a importância da literatura e da

sociologia para a formação linguística, histórico-social, enfim, para a feição do Brasil, Octávio Ianni (1999) acrescenta:

É mais do que evidente que a sociologia e a literatura nascem e desenvolvem-se desafiadas, influenciadas ou fascinadas pela questão nacional. Colaboram decisivamente na elaboração do mapa da nação, ajudando a estabelecer o território e a fronteira, a história e a tradição, a língua e os dialetos, a religião e as seitas, os símbolos e as façanhas, os santos e os heróis, os monumentos e as ruínas. Em larga medida, a história da sociologia pode ser vista como a história de uma larga reflexão sobre a questão nacional. Modificam-se os temas e as perspectivas, assim como as situações e os interesses, mas predomina a problemática nacional. (Grifo nosso) [...] São também muitas e notáveis as narrativas literárias nas quais manifesta-se a preocupação aberta ou implícita, consciente ou inconsciente, pela questão nacional [...], compreendendo também a crítica ou o ceticismo sobre a questão nacional (IANNI, Octávio. SEGATTO & BALDAN (Orgs.). Sociologia e Literatura. In: Sociedade e literatura no Brasil. São Paulo: Unesp, 1999, cap. I. p.14-15).

A partir da ideia trazida por Ianni (1999) na passagem acima é possível perceber uma relação estreita entre literatura e sociologia, ao afirmar que ambas, a arte e a ciência, apesar de terem abordagens distintas quanto à sua forma de apresentação, sobretudo na linguagem, são tomadas como objetos de apresentação, descrição, denúncia de temas particulares e universais que percorrem a realidade do cenário nacional, tais como a língua, a cultura, a religião, a sociedade, a política, a economia, a construção histórica de uma determinada nação, estando, portanto, indissociadas do compromisso social. Podemos dizer que é a literatura uma das grandes responsáveis por criar a nossa língua (sistema aberto), atribuindo-lhe feições genuinamente nacionais, com valores ideológicos que a tornam cada vez mais diferenciada dos moldes clássicos europeus, propiciando uma espécie de abasileiramento do nosso idioma, contribuindo para a afirmação social, cultural e histórica do país.

É justamente nesse contexto turbulento de profundas transformações na humanidade que emerge Augusto dos Anjos, um poeta extemporâneo, conhecido pelo caráter inovador e, ao mesmo tempo, transgressor de seu diálogo no tratamento de temáticas humanas universais e, por isso mesmo, incompreendido à sua época, cujo lugar na poesia brasileira parece ainda compor um cenário um tanto controverso, transitando por muitas correntes literárias, sem, contudo, filiar-se a nenhuma delas isoladamente. Assim, a obra de Augusto dos Anjos surge em 1912, em um momento bastante conturbado da nossa literatura, ainda marcada por fortes traços do Simbolismo, tendo sido a sua obra, ora considerada remanescente do Simbolismo, ora como uma manifestação parnasianista inicialmente repelida e até mesmo despercebida pelos modernistas (HELENA, 1984, p. 17-18).

Augusto de Carvalho Augusto dos Anjos nasceu no dia 20 de abril de 1884 no engenho paraibano de Pau D'Arco, situado no município de Cruz do Espírito Santo, onde aprendeu suas primeiras letras e instrução colegial sob a tutoria do pai, Alexandre Rodrigues dos Anjos, um humanista nato e grande influenciador do filho nas ciências naturais e das linguagens. O ano de 1900 marca o ingresso de Augusto dos Anjos no Liceu Paraibano, na capital, iniciando os estudos no Curso de Humanidades, época também de suas primeiras publicações. Em 1903, matricula-se na Faculdade de Direito em Recife e quatro anos depois recebe o título de Bacharel em Direito, apesar de nunca ter exercido a profissão, tornando-se professor de Literatura e ministrando aulas particulares e em instituições de ensino, onde vem a tornar-se professor interino.

Assolado pela crise geral da lavoura açucareira nordestina, que leva tão logo à decadência dos engenhos, modelo então vigente da economia rural brasileira, na República, Augusto sofre desde cedo dificuldades financeiras, razão pela qual – em busca de melhores condições de vida – é impelido a se mudar com sua família à capital do Rio de Janeiro em 1910 e, posteriormente, a Leopoldina, em Minas Gerais, local de seu falecimento em 1914, em decorrência de uma pneumonia.

Autor de um único livro, o *Eu*, publicado em 1912, Augusto dos Anjos vem despertando desde então muitas inquietações a respeito do “caráter original, paradoxal, chocante mesmo de sua linguagem, tecida de vocábulos esdrúxulos e animada de uma virulência pessimista sem igual em nossas letras” (BOSI, 1967, p. 44), abarcando uma vasta fortuna crítica. Conforme salienta Hermes Fontes (1994, p. 50), várias leituras são necessárias ao se deparar com a obra de Augusto dos Anjos: “A primeira estonteia, a segunda entusiasma, a terceira sensaciona, a quarta encanta e conduz, não raro, à lágrima e ao êxtase”.

Sua obra, composta de 58 poemas, viria a tornar-se um “caso singular na literatura brasileira”, consagrando o autor do *Eu* como um dos mais autênticos de nossa poesia, havendo quem o vincule ao Parnasianismo, Simbolismo ou ao Pré-Modernismo, vendo em sua poesia influências de Charles Baudelaire, de Kant, de Schopenhauer, de Haeckel, de Spencer, de Darwin, de Cruz e Sousa, dos poetas da Escola do Recife, do Monismo, do Budismo, do Catolicismo.

Ribeiro (1984, p. 3) ressalta em Augusto dos Anjos características de um poeta complexo, inquietante, *sui generis* devido à sua originalidade estético-literária, permitindo-lhe desafiar e transfigurar padrões, sobretudo os de cunho parnasiano e simbolista, chocando um

público que até então estava acostumado ao modelo de poesia enaltecido pela *Belle Époque*, ao retratar temas relegados à estética nacional, como as misérias humanas, a dor universal, o pessimismo, o cientificismo, a melancolia de um modo bem peculiar e nunca visto, que fizeram com que, a princípio, o livro *Eu* fosse descrito como “um livro estranho e novo, com algumas extravagâncias”, perpassado de “exotismos condenáveis” (PAES, 1985, p. 81), contribuindo para que múltiplos preconceitos interpretativos fossem reproduzidos pela crítica literária, direcionando a leitura de Augustos dos Anjos a um único caminho: a poesia da dor, da angústia, do cientificismo, do pessimismo.

Manuel Bandeira (1946, apud Helena, 1984, p. 35), em nota biográfica em seu livro intitulado *Apresentação da poesia brasileira*, publicado em 1946, alude, em relação a Augusto dos Anjos que “na sua poesia a concepção do universo não é ortodoxa”, havendo “algo de maniqueísta” que “opõe o mundo do espírito, o mundo de Deus” ao mundo material, submetido a leis evolucionistas, “segundo a teoria darwinista” de que resulta a formação de “uma consciência” oriunda “desse duelo terrível”, culminando na “angústia metafísica de Augustos dos Anjos”

Diante da propagação de ideias reprodutivistas, em sua maioria, baseadas em juízos de valores deturpados em torno de tais temas presentes na poesia de Augusto dos Anjos, principalmente o pessimismo, temas como o amor, a esperança, o elemento deístico, o humor, o otimismo, passam durante muito tempo despercebidos pela crítica, levando a uma captação imprópria e limitada da obra do poeta. Isso se deve à ausência de investigações precisas na obra do poeta paraibano, que abordasse o texto em sua totalidade poética e não apenas em fragmentos de poesias, estruturados em diferentes fases da lírica anjosiana (ALMEIDA, 2013, p. 117).

De acordo com Vidal (1967) apud Almeida, 2013, p. 114, em suas duas fases de composição verseja de maneira diferente. Na primeira, há predominância de poesias com a tendência da moda, isto é, figurando com “os eternos temas de que ordinariamente se servem os poetas de passados tempos”, como o Parnasianismo e os cânticos à natureza, que se confundem com o amor. Seguindo o autor, nesse primeiro momento, Augusto dos Anjos entoa uma poesia marcada pela “despreocupação filosófica e científica”, livre de preconceitos e abordando temas como o amor, a exaltação à mulher amada. Integram sua primeira fase, as *Outras poesias*, *Poemas esquecidos* e *Versos de circunstância*, poemas estes excluídos do *Eu*.

Já na segunda fase, verifica-se a presença de um poeta cético, descrente no amor material, voltado para temas mais transcendentais ao ser humano, em que a dor é o eixo central e propulsor de todas as emoções humanas. Nesse sentido, os poemas se revestem de uma maior erudição e cientificismo, reflexo de uma época agnóstica, liberal, positivista (BOSI, 1969, apud Almeida, 2013, p. 114).

Almeida (1970, p. 3) salienta o teor extemporâneo da poesia de Augusto dos Anjos, destacando-o como um dos mais lidos e discutidos no Brasil, apesar de nem sempre ser bem compreendido, tendo sua obra à época de lançamento pouca receptividade, sendo renegada pela crítica literária devido ao teor pessimista e cientificista de sua linguagem, fazendo com que sua poesia fosse vista como artificial, horrenda, obsessiva, cemiterial, indo contra os ideais dominantes da estética parnasianista/simbolista da época. Augusto dos Anjos era visto como um “homem de imaginação doentia, apreciado apenas nos aspectos de mais intimidade com a arte”, negando-lhe a genialidade poética (p. 22).

Por esta razão, a maioria dos críticos inicialmente repudiam o “Eu”, a exceção de uns poucos que reconhecem algum valor nos poemas anjosianos sob a ótica do impressionismo, destacando-se entre eles Hermes Fontes, Antônio Torres, Orris Soares, Agripino Grieco, Raul Machado e José Oiticica (FRANCO, 2000, p. 17). Porém, tal fato foi importante para colaborar com as inúmeras reedições posteriores do *Eu*. Nesse sentido, foi com a segunda edição trazida por Órris Soares em 1920, por exemplo, que o poeta paraibano começa a ganhar atenção da crítica. Edição esta acrescida de uma parte introdutória, intitulada *Elogio de Augusto dos Anjos e de Outras Poesias*, marcando o “êxito fulminante, eclipsado a seguir pelo Modernismo”. Após a reedição do novo volume, emergem outros ensaios, como os de Agripino Grieco, Álvaro de Carvalho, Alceu Amoroso Lima, João Ribeiro e Gilberto Freire, os quais levam ao aparecimento de mais uma edição do *Eu* em 1928. De acordo com Antonio Houssais, é a partir daí que a obra de Augusto dos Anjos passa a atingir os “meios do leitor comum” (HELENA, 1984, p. 18).

Entretanto, a crítica “apressada e fracionadora”, preocupada em elucidar as razões possíveis do “êxito editorial” de Augusto dos Anjos, acaba confundindo o elemento subjetivo, particular de que trata a singularidade do poeta do *Eu* com a elaboração poética, ligada ao fator textual, reproduzindo pseudo ideias a respeito da poesia anjosiana, tais como o fato de o livro ter sido resultado de um caso patológico do sujeito Augusto dos Anjos, o qual, a despeito de seu vocabulário científico e exótico, podia ser considerado um bom poeta,

obcecado, entretanto, pela morte, pela ironia e pela putrefação. Nesse sentido, a popularidade da poesia de Augusto dos Anjos passa a ser associada a uma espécie de “mau gosto”, pautado nos “aspectos fracos de sua poesia”, exercendo fascinação ao público, sobretudo, às camadas populares (HELENA, 1984, p. 20-21). Na concepção de Helena, 1984, p. 21-24, trata-se de uma crítica judicativa, fundamentada em princípios impressionistas, analíticos e maniqueístas, subvertendo a obra de Augusto dos Anjos a uma leitura comparativa àquilo que já fora produzido, mediante abordagens externas, resultantes da “captação imprópria” de certos elementos de sua poesia, considerados não na sua inteireza, mas à margem do texto poético do escritor paraibano.

A esse respeito, a autora acrescenta que a modernidade em Augusto dos Anjos reside justamente “nesse ato de dessacralização até agora não compreendido, pois no âmbito de sua poesia ele reverencia o léxico repudiado pela estética do ‘belo’” e, reitera ainda que “um poeta é poeta por todas as palavras que empregou, e não apesar delas” e critica a afirmação de Osório Duque Estrada, para quem a poesia de Augusto dos Anjos seria uma mistura de cientificismo com um vocabulário exótico (HELENA, 1984, p. 21). Discordando de tal postura, Helena (1984, p. 22) afirma que o léxico utilizado por Augusto dos Anjos é, antes de tudo, uma necessidade vital de sua poesia.

Órris Soares apresenta Augusto dos Anjos ao grande público como um poeta naturalmente sofredor, “de magreza esquelética – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada”, utilizando um discurso marcado eminentemente pelo subjetivismo – ressaltando o sofrimento do poeta como algo inato, oriundo do sentimento de morte que acompanhava Augusto em virtude de sua doença, da melancolia e do fator espiritual – determinante para explicar sua poesia. Entretanto, por ter sido o primeiro texto a apresentar dados biográficos sobre o poeta, o prefácio tecido por Órris Soares, constitui-se numa das principais referências para posteriores estudos por parte de críticos e biógrafos futuros de Augusto dos Anjos como Medeiros e Albuquerque, Agripino Grieco e João Ribeiro (FRANCO, 2000, p. 27).

Os argumentos de Órris Soares desencadeiam discussões em torno dos três elementos mais destacados pelo biógrafo: a melancolia, a dor e a tristeza, características que foram ratificadas ou contestadas por críticos posteriores, acrescentando, ainda a impossibilidade de filiação literária do escritor paraibano (FRANCO, 2000, p. 28-29).

Seguindo essa linha de raciocínio, Agripino Grieco, embora atue sob a ótica da crítica impressionista em seus escritos – centrando-se no pessimismo de Augusto dos Anjos e na tentativa de situar o poeta entre a rudeza material e o lirismo espiritual – volta-se também a uma avaliação literária levando em conta a questão estética, como a exploração do léxico utilizado na poesia do poeta paraibano, confrontando, dessa forma, elementos estéticos e não estéticos. Ele aproxima ainda Augustos dos Anjos com Cesário verde, ao misturar sistematicamente “lirismo, sarcasmo, ternura e brutalidade”, censurando, contudo, a morbidez excessiva de sua linguagem e o vocabulário “esdrúxulo” (FRANCO, 2000, p. 30-31).

Reiterando algumas das características elucidadas pelos dois autores anteriores, Raul Machado destaca elementos de Augusto dos Anjos, como a tristeza, a fragilidade decorrente da sua doença, a melancolia, o sofrimento, o individualismo, sem, contudo, associar tais fatores como condições determinantes na constituição da poética anjosiana, diferentemente dos ensaístas anteriores. Para ele sua poesia não pode ser justificada por características que compõem sua vida pessoal, apesar de certa relação. Antes de tudo, a poesia de Augusto dos Anjos é, na concepção de Raul Machado, “fruto de sua própria erudição”, dos estudos contínuos, da ampliação de sua visão filosófica e influências como Schopenhauer, Haeckel e Spencer, conforme notara Raul Machado em 1914, ressaltando, ademais, a dificuldade de classificar o poeta nas correntes estéticas vigentes. Ele ainda atenta para a questão pragmática de termos científicos usados na poesia de Augusto dos Anjos, afirmando ser o cientificismo o diferencial na construção literária do poeta (FRANCO, 200, p. 37).

Tais ensaios, contudo, por serem realizados por admiradores do poeta, valorizando mais comentários sobre o poeta (biografismo) do que em relação a obra em si, foram considerados subcríticas, não efetuando um estudo mais aprofundado a respeito da análise estética da poesia anjosiana, relegando a um segundo plano a construção literária em si. Tais estudos só viriam a ser produzidos após a década de 1950, constituindo a chamada crítica madura, à qual pertencem Alfredo Bosi, Massaud Moisés, Gilberto Freire, Afrânio Coutinho, Lúcia Helena, José Paulo Paes, dentre outros, como veremos a seguir.

Gullar (1976, p. 17-18) evidencia traços de influências parnasianistas e simbolistas na poética anjosiana, sem, contudo, filiar-se a nenhuma destas escolas, pois, segundo ele, não há em Augusto dos Anjos uma correspondência plena de suas ideias filosóficas com as características composicionais de tais tendências. Apesar de herdar recursos de uma e outra escola, como “o verso conciso, o ritmo tenso e a tendência ao prosaico e ao filosofante” – do

Arcadismo e, do Simbolismo, “o gosto por palavras-símbolo com maiúscula, o recurso da aliteração e certos valores fonéticos e melódicos”, Augusto dos Anjos parece “assimilar e superar aquelas influências”, mesclando todos esses elementos em seu poema, conferindo-lhes, ao mesmo tempo, uma voz original, sem “preocupação formalista”, mas antes “a busca de uma linguagem intensa que, por barroca que seja, jamais é meramente ornamental”, configurando-se, assim, num poeta inclassificável.

Helena (1984, p. 23) localiza Augusto dos Anjos na “encruzilhada do pós e do pré, entre os estilos pós-românticos, parnasianos e simbolistas e os gestos ou formas antecipadoras do modernismo”, desenvolvendo atitudes estéticas inovadoras que preanunciam o Modernismo e dessacralizando o discurso romântico pela introdução de termos até então considerados “apoéticos” (uso de abreviaturas, como em “Budismo Moderno”; termos prosaicos, em “Vencido”; construção de estrofes com frases nominais e imagens fragmentárias, numa espécie de “*flashes* coordenados”; a “antropofagia bestialógica” e a ênfase no verme, além da imprevisibilidade semântica, das metáforas inesperadas, do questionamento da existência e do mistério).

A autora aponta que além destes, outros recursos podem ser citados como inovadores na poesia de Augusto dos Anjos, a exemplo do emprego de recursos impressionistas, bem como traços “antecipadores do expressionismo”, conforme aproximações feitas por Gilberto Freire entre o poeta paraibano e alguns pintores expressionistas alemães. Embora utilizasse o soneto e o decassílabo, a forma e a métrica consagrados, Augusto dos Anjos era visto pela crítica como autor de uma obra “incidente e perturbadora”, dado o caráter renovador e pluridimensional de sua poesia (HELENA, 1984, p. 26).

Bosi (1967, p. 44) afirma tratar-se Augusto, de um poeta poderoso, em cujos escritos se reconhece a dimensão cósmica e a angústia moral, além do “mau gosto” tecido num vocabulário que reflete versos rebuscados, rigorosamente metrificados e científicos, além do espiritualismo e materialismo. Para o crítico, Augusto dos Anjos centrava-se em questões universais humanas, encaminhando a construção mística existencialista do *Eu* numa confluência de aflições que versem “uma angústia funda, letal, diante da fatalidade”, arrastando “toda a carne para a decomposição da morte”, para as misérias e dores universais dos seres humanos, semelhante ao “alto pessimismo romântico de Arthur Schopenhauer”, fundido ao “desespero radical” de uma poesia “violenta e nova em nossa língua” (BOSI, 1967, p. 45), em que pulsam as forças da matéria, conduzindo “ao Mal e ao Nada”, por meio

de uma “destruição implacável”, na qual o eu-lírico é o grande expectador em eterna agonia de um “processo degenerescente cujo símbolo é o verme” (p. 46).

Ele acrescenta ainda que a inserção histórica do poeta no Parnasianismo ou Simbolismo é um tanto inadequada, pois Augusto dos Anjos é antes de mais nada um “romântico *lato sensu*”, buscando “dramaticamente o infinito na matéria” e, como Baudelaire, “canta a miséria da carne em putrefação”, não havendo, contudo, “nenhuma convicção estética amadurecida, nem, por outro lado, complacência satanista” (BOSI, 1967, p. 46).

Corroborando com a visão proposta por Bosi, o professor Chico Viana (1994) exalta a aproximação de Augusto dos Anjos com o poeta Baudelaire, ao incluir o degenerado, o escatológico e o trivial em seus poemas. Entretanto, para o crítico, faltou compreensão por parte de alguns estudiosos acerca da revolução estética trazida por Augusto dos Anjos. Nele, as expressões científicas emergem como imagens e se afirmam no interior da obra justamente pela construção semântica contundente, pelo impacto fônico expressivo e pela estranheza. Logo, a correspondência identitária entre Augusto dos Anjos e Baudelaire reside na convergência de símbolos cultuados da Moral e Estética, como o repulsivo, o trágico e o satânico.

O lugar de Augustos dos Anjos na poesia brasileira é um tema ainda muito controverso, tendo gerado vários trabalhos descritos na literatura na tentativa de classificá-lo entre o Simbolismo, o Parnasianismo, o Romantismo, o Cientificismo, o Modernismo e até mesmo o Surrealismo (RUBERT, 2007, p. 1). Tais tentativas surgem a partir da observação pela crítica, ora impressionista, ora a Nova Crítica, de traços peculiares presentes na poesia do poeta paraibano.

Segundo a autora, isso se deve ao caráter abrangente da poética anjosiana, marcada “ora pela musicalidade dos seus sonetos, ora pelas expressões tão estranhas à poesia, pertencentes ao universo científico, que a crítica chama de anti-lirismo e mau-gosto” (RUBERT, 2007, p. 5). Ela ainda ressalta a sonoridade presente nos poemas de Augusto dos Anjos, o que poderia relacionar sua poesia ao Simbolismo, demonstrando a preocupação do poeta no uso de cada expressão integrante de seus versos. Porém, essa “sonoridade” é logo “quebrada” pelo “cientificismo” e pela “linguagem apoética”, aproximando o poeta do Naturalismo/Realismo e, ao mesmo tempo, compensando sua “popularidade”.

A esse respeito, Bosi (1967, p. 48-49) acrescenta que o teor “violentamente prosaico” dos versos anjosianos, estruturados em quartetos decassilábicos e fortemente cadenciados, de

“manifesta sonoridade, rimas ricas, palavras raras e esdrúxulas”, ecoam numa expressividade proposital, estreitamente vinculada ao contexto de origem de sua criação literária, não podendo jamais a crítica querer abstrair os termos técnicos e científicos de sua poesia do contexto que a origina e a justifica. Dessa forma, aceitar certas palavras ditas “poéticas” e, na contramão, rejeitar as denominadas “apoéticas” torna-se uma abordagem equivocada.

As características formais da composição do poeta, marcadas predominantemente por versos decassílabos heroicos e poesias no formato de soneto, o aproximam do Parnasianismo. Entretanto, as rimas incomuns, contendo expressões eruditas, de cunho científico e dotadas de muita musicalidade, ao mesmo tempo contribuem para uma classificação mista contemplando, respectivamente, heranças parnasianistas, naturalistas e simbolistas (RUBERT, 2007, p. 6).

Para Almeida (1970, p. 23-24), a tentativa de classificar o poeta numa escola literária é bastante divergente, sendo considerado para uns como parnasiano, para outros como simbolista e para a maioria não filiado a nenhuma escola. Tristão de Ataíde, por exemplo, situa-o no grupo dos parnasianos; Andrade Murici no simbolismo; Agripino Grieco não o confina nem ao simbolismo nem ao parnasianismo, assim como Órris Soares, José Américo de Almeida e Álvaro de Carvalho. Já Nobre de Melo, não conseguindo enquadrá-lo a nenhuma dessas duas correntes, filia-o ao cientificismo. Segundo Almeida, é no Simbolismo para onde mais pende Augusto dos Anjos em que “a ideia se manifesta de maneira quase sempre velada, associando as suavidades místicas ou estado d’alma à musicalidade das rimas”. De fato, embora utilizasse uma linguagem científica, “impregnada por vezes de putrefação”, impressionava a crítica pela sua musicalidade e imaginação.

Por tudo que já foi aqui exposto, na opinião de Helena (1984, p. 27), o texto de Augusto dos Anjos tem-se constituído num permanente desafio ao longo do tempo, “ameaçado pelas determinações do contexto”, uma vez que a maioria da fortuna crítica acerca do poeta paraibano é subordinada a questões de natureza “subjativa e apologética”.

Dessa forma, pode-se afirmar que Augusto dos Anjos é muito mais do que apenas um nome nessa fase de transição literária que marca o final do século XIX e início do século XX, misturando vários elementos da linguagem erudita com expressões populares e, por tais peculiaridades, sua voz predomina como única no atual cenário literário brasileiro. Pode-se dizer que sua poesia converge para a prospecção, para o futuro, estando em permanência mudança, sendo inviável uma rotulação com estéticas do passado. Utilizando as palavras de

Helena (1984, p. 57) “O Eu, como o lugar em que se manifesta, com plenitude, o dizer da linguagem poética, é o máximo de silêncio e o máximo de voz”. Ou, usando as palavras de Nóbrega (2018, p. 44): [...] quem sabe se as suas precauções não eram tomadas para esconder a consciência, que tinha, de estar criando uma escola, escola que desgraçadamente, não encontrou continuadores à altura?

## 2. INFÂNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA E NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS: UMA LEITURA TEMÁTICA

### 2.1 Breve histórico da concepção social de infância

De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 578), criança, do latim *creantia*, *criantia*, é “o ser humano de pouca idade, menino ou menina”, “pessoa ingênua, infantil”. A palavra infância, também oriunda do latim, *infantia*, por sua vez, é definida como o “período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade”, “período de vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo os caracteres anatômicos, fisiológicos e psíquicos, se divide em três estágios: *primeira infância*, de zero a três anos, *segunda infância*, de três a sete anos; e *terceira infância*, de sete anos até a puberdade”, remetendo à ideia de “ingenuidade, simplicidade” (FERREIRA, 1999, p. 1106).

Retomando o conceito etimológico do termo, a *infantia*, compreende um prefixo de negação, *in-*, e o verbo *fari-* (falar), flexionado em seu particípio presente *-fan* (falante). O prefixo *-in* da palavra sugere a negação do vocábulo *-fan*, isto é, daquele que fala. Logo, na acepção restrita do termo, a infância é a representação do sujeito que “não tem linguagem”, racionalidade, conhecimento, conceito este que perdurou durante muito tempo no ideário do Ocidente Europeu. Para Pagni (2010), essa ideia limitada da infância enquanto uma condição da linguagem que precede o discurso, a própria enunciação comunicativa, não podendo ser exprimível do ponto de vista linguístico, lógico e pragmático, tem contribuído para a reprodução de conceitos equivocados acerca da infância, a qual é frequentemente empregada como sinônimo de criança, estando aplicada a uma idade específica do indivíduo que precede a fase adulta. O autor busca questionar a infância como fenômeno natural, universal e extemporâneo, uma vez que tal conceito encontra-se ligado a um conjunto de fatores

diretamente relacionados com os modos de refletir e olhar a infância de uma determinada época.

De fato e corroborando com a ideia defendida por Pagni (2010) no parágrafo anterior, ressalta-se que o significado extensivo do termo “infância” não é exato, pois está diretamente ligado às transformações históricas, sociais, culturais, políticas e econômicas de uma determinada época, que subjazem preceitos ideológicos próprios de sua estrutura de classes, valores e normas desenvolvidas por uma determinada sociedade num certo momento histórico, evocando, por conseguinte, um período referenciado da vida humana. Dessa forma, o conceito e a ideia da infância e da criança, enquanto constructo social e histórico, tem-se modificado ao longo dos séculos, como veremos a seguir.

O conceito de infância emerge no contexto social e histórico da Modernidade, durante o período de transição da Era Medieval para o Renascimento, em decorrência das transformações sociais, econômicas e ao progresso da ciência, com a necessidade da individualização do sujeito na sociedade (RITTER, 2011, p. 18).

O historiador francês Phillipe Àries, em sua iconografia intitulada *História Social da Criança e Família* (1978), revela que o sentimento de infância não é um conceito pronto, acabado, mas, ao contrário, uma construção histórica e mutável, pautada nas relações sociais e com a família. Assim, na Idade Média, por volta do século XII, por exemplo, o autor aponta a inexistência do conceito da infância, pois não havia a “consciência da particularidade infantil”, não permitindo a distinção da criança do adulto. Com efeito, o autor chama a atenção para a desvalorização e fragilidade da criança nessa época, considerada uma espécie de ser inferior, ao lado das mulheres, que logo era inserida na vida adulta. Assim, as etapas da infância estabelecidas pela sociedade atual eram substituídas por um outro tipo de *lócus*, marcado pela constituição de núcleos familiares abertos, sem delimitações entre o público e o privado, sem espaço para a singularização e a subjetividade. Conforme reitera Pinheiro (2003, p. 49):

Na Idade Média, muitas crianças viviam misturadas aos adultos, não havendo grandes diferenças em termos de vestimentas, jogos, atividades, aprendizagens e até mesmo em relação ao trabalho. Eram vistas, em geral, como adultos em miniatura, cuja educação se dava em meio aos adultos, por um sistema de permuta de crianças entre famílias, para que fossem ensinados determinados trabalhos, costumes e valores, assim como as aprendizagens em oficinas, junto aos artesãos.

Considerada um adulto em miniatura, a criança durante o medievo, tão logo adquirisse a independência física (por volta dos seis ou sete anos de idade), era inserida no universo dos

adultos, misturando-se a eles em vestimentas, atividades, padrões de comportamentos, costumes, códigos de conduta ética, moral e ideologias, não havendo preocupação com a educação, a qual era confiada a instituições especializadas, como a Igreja, oficinas, textos escritos (CAMBI, 1999, p. 177; CORTEZ, 2011, p. 2). Por fazer parte de uma fase sem importância, a criança não possuía espaço, a mortalidade era frequente e o sentimento de morte pouco presente. Sobre este fato, acrescenta Àries (1981, p. 04) que “[...] a criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida, que não se temia que após a morte ela voltasse para importunar os vivos”.

A concepção social da infância, como categoria autônoma e diferenciada, somente surge no final da Baixa Idade Média, a partir do final do século XV e mais intensamente durante os séculos XVI e XVII, com o advento do Renascimento (Movimento Humanista), da Modernidade e das conseqüentes transformações oriundas da mudança da mentalidade europeia em todos os campos de atuação da vida humana, como nas esferas econômica, política e cultural – o papel social da família, da mulher, da criança e sua inserção na sociedade burguesa – conferindo um novo sentido ao termo. Assim, há uma preocupação crescente com o papel do indivíduo na sociedade, bem como da criança, a qual, mais que a representação da continuação da linhagem hereditária aristocrática, passa a compor parte dos núcleos familiares, na condição de indivíduos diferentes dos adultos, detentores de sentimentos próprios, merecendo ser valorizados, cuidados, protegidos, receber um tratamento especial condizentes com as suas particularidades, contribuindo para a constituição afetiva de novas relações entre os entes familiares (NIEHUES & COSTA, 2012, p. 285; PINHEIRO, 2003, p. 51).

Segundo Àries (1981), gera-se, em consequência dessa transformação social histórica, a imagem da criança como um ser ingênuo, gentil, gracioso, frágil, espécie de “brinquedo pequeno e indefeso”, que divertia as casas e despertava “um sentimento artificial” de “paparicação”. Por outro lado, tais características que passaram a compor traços próprios da inocência, intrínseca à nova natureza infantil, resultaram numa preocupação crescente por parte dos poderes públicos, a exemplo da Igreja e do Estado, instituições moralistas, em disciplinar, preservar e racionalizar os costumes, condenando o tratamento de “mimos” dados às crianças, “causadores de muitas fraquezas”. Era necessário, pois “moralizar e educar” os infantes para manter a civilidade da época (COSTA, 2000, p. 28). Porém, a particularidade da concepção do sentido da infância não se estende a todas as crianças, variando de acordo com a

época e a condição social à qual estavam submetidas. A Revolução Industrial, a ascensão capitalista, o crescimento do trabalho infantil durante o século XIX, contribuíram para ratificar o pensamento proposto por Áries (1981).

A partir do século XIX, a ideia moderna e positivista de criança universal, pautada nos critérios de racionalidade e disciplina, sofre mudanças alterando a definição da infância e de educação (COELHO, 2007, p. 2). A infância, antes encarada como fraqueza, concede lugar para a tese de que a “criança precisa ser preparada para a vida adulta”, recebendo uma formação disciplinar, rigorosa, marcada não mais tanto pelo totalitarismo (que recorre, inclusive, aos castigos corporais, à humilhação para corrigir o caráter), porém pela instituição de uma educação moral e social, emergindo, assim, uma estreita ligação entre criança, escola e educação. Disso decorre um prolongamento da infância até o término do ciclo escolar (Áries, 1981 apud PRISZKULNIK, 2004, p. 73).

No final do século XIX, nos países ocidentais, há uma crescente preocupação com a tematização da infância em várias áreas do conhecimento, bem como a institucionalização da escolaridade primária obrigatória. No Brasil, tal processo se dá especialmente em meados do século XX em virtude da crescente industrialização no país. É nesse período (final do século XIX e início do século XX) que desponta Freud com seus estudos psicanalíticos, revolucionando os conceitos de “infância” até então conhecidos (PRISZKULNIK, 2004, p. 73-74).

Novas noções como inconsciente, corpo, sexualidade, desejo, linguagem surgem, despertando inquietações científicas, ideológicas, culturais, sociais e religiosas acerca da ideia do ser humano, na contradição entre o ser indivíduo, objeto da ciência e, o ser sujeito, palco de sentimentos e irracionalidades que compõem o inconsciente freudiano. (PRISZKULNIK, 2004, p. 74). Esse tema será melhor discutido no terceiro capítulo, no qual abordaremos um estudo da concepção da infância na poética de Augusto dos anjos, evidenciando os símbolos presentes em seus escritos sob a ótica psicanalítica, que nasce da visão freudiana.

## **2.2 A infância na prosa e na poesia brasileira**

Antes de principiarmos este tópico, buscamos questionar o lugar da infância da literatura brasileira, não aquele presente na concepção da literatura destinada a um público de menor faixa etária, o público infantil, em que o tema da infância perpassa inúmeras obras,

mas, nos referimos aqui à produção de uma literatura mais ampla, que não se restringe a um leitor específico, verificando que a temática infantil ainda não tem uma exploração tão vasta como os demais temas comumente vistos.

Segundo Mata (2015, p. 13), embora limitada sob o ponto de vista quantitativo, a representação da infância em nossa literatura é, contudo, significativa se considerarmos o “potencial criativo” no trato com a linguagem literária e “o papel formativo e determinante da infância” em obras de autores consagrados, como Manoel de Barros e Graciliano Ramos. Nesse sentido, há que se manter um olhar mais próximo para os textos que, de alguma forma, trazem para o cenário literário o universo infantil, desmistificando-se a tematização da infância meramente por personagens infantis.

Resende (1988, p. 21 e 24) em seu livro, intitulado *O menino na literatura brasileira* faz um levantamento teórico e analítico de obras cujos eixos temáticos se voltam para a percepção da infância na narrativa brasileira moderna no período compreendido entre os anos de 1922 a 1987, quer seja sob a ótica do narrador infantil, da criança, retratando o universo infantil pelo viés do encantamento, da poeticidade, da fantasia, do lúdico ou, pelo discurso do narrador adulto no qual predomina a reelaboração de experiências do estágio da infância por uma perspectiva diferenciada da anterior, por ser dotada de uma postura mais “distanciada”, “artificial”, de “puro realismo”, trazendo a história da infância de maneira menos mágica, menos atrelada ao estado de fantasia e menos lúdica, por ser “antecipada de vivência adulta”.

Não objetivando fazer distinção entre a literatura “adulta” e a “infantil” e questionando os limites da classificação ao seu ver “injustificada” entre “as duas literaturas”, “duas linguagens” e “duas concepções distintas de arte”, Resende (1988) se detém em autores cujas obras não são intencionalmente dirigidas ao público infantil, mas pelo contrário, se fazem ler sem discriminação de idade. Dentre eles, estão Guimarães Rosa, José Veiga, Ziraldo, Ana Maria Machado, Fernando Sabino, Bartolomeu Campos Queirós, Lygia Fagundes Telles, dentre outros.

No capítulo introdutório do livro, Resende (1988, p. 25) perpassa “a trajetória do menino nas estórias de Guimarães Rosa”, ressaltando, a partir de passagens literárias da arte rosiana, a linguagem plena de poesia, mágica e fantasia que rompe com o código estético e linguístico convencional, graças ao compromisso do escritor em “ver a vida com olhos de sonho e de infância”. Nesse sentido, a infância fornece “horizontes primitivos, anteriores à lógica, que se identificam com as imagens fantásticas, armazenadas pelo inconsciente do

escritor” (p. 30). É justamente a concepção mítica da criança a responsável por favorecer o espaço de contação de estórias pelo escritor, identificando-o com o menino de suas narrações, como é o caso do personagem Miguilim, o qual vive todas as etapas do mundo infantil primitivo e seus sentimentos típicos, como a imaginação ingênua em torno de si e do mundo, a sensibilidade vasta, a magia, atrelados concomitantemente à experimentação das realidades contrastantes da vida adulta, mais madura.

Ainda de acordo com a autora (p. 32), Guimarães Rosa se vale dos símbolos da infância como construto artístico lúcido, equilibrando mitos, fantasias, visões caóticas com lógica, realidade e ressignificação de experiências. Conforme salienta o próprio Guimarães Rosa (RESENDE, 1988, p. 32): “Não gosto de falar de infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando os prazeres”.

Em relação à composição de José Veiga, a autora seleciona quatro livros, sendo dois deles de romance (*Sombras de reis Barbudos* e *Aquele Mundo de Vasabarro*) e dois de contos (*A Máquina Extraviada* e *Os Cavalinhos de Platiplanto*), nos quais procura evidenciar o sentido gerador da presença do “menino” em suas obras. De maneira geral, Resende (1988, p. 54) evidencia a que a criança introduzida nas histórias de José Veiga, nos quatro livros analisados, oscila entre o maravilhoso e o fantástico, estando frequentemente associada à opressão realizada pelo adulto, privando-lhe a liberdade e a individualidade infantil, de que resulta a construção da imagem de uma criança que é sempre vítima desse destino e, por esta razão, é privada da felicidade e da própria constituição da infância, conhecendo desde cedo, em virtude dos choques, perdas, violências e desencantamento precoces, a aprendizagem do real.

Estabelece-se aí um verdadeiro confronto entre a realidade infantil e sua representação de mundo (com seus anseios, sonhos, ressentimento, esperanças) com a realidade concreta, que reprime, bloqueia, humilha, mutila, desumaniza e ameaça a liberdade, a integridade infantil. Nesse contexto, a criança se torna a mediadora entre o plano real e o ideal. Uma vez roubada de seu mundo infantil, tendo seus sonhos frustrados, o personagem infantil de José Veiga, busca escapar a um mundo interior, ideal, abstrato, maravilhoso, o espaço do sonho, da fantasia, que representa a superação, a fuga pelo imaginário face às barreiras do mundo real (RESENDE, 1988, p. 54-55).

Entretanto, a autora ressalta que a configuração do fantástico (e do maravilhoso) nas obras de José Veiga por ela analisadas não tem função alienante, mas, pelo contrário, integra

uma estratégia composicional crítica, de denúncia da condição alienante do ser humano, em “uma estrutura social sedimentada por valores degradantes, como: poder, egoísmo e opressão” (p. 63). Logo, a criança na visão do autor, é aquela que não é privada do contato com o mundo real, conhecendo de perto suas contradições, suas ambiguidades, sem, contudo, perder sua pureza, seus sonhos, seu potencial imaginativo, de evasão à realidade imediata em que se vive.

Em relação a Fernando Sabino, Resende (1988, p. 68-69) destaca o romance *O Menino no Espelho*, lançado em 1982, marcado por uma reinvenção da infância, a partir do olhar do escritor que trazendo suas memórias reais à narrativa, sem, contudo, encerrar-se no particularismo do homem Fernando, transgride o “real documental”, atingindo a realidade ficcional, que subjaz o caráter genérico do “menino universalmente igual a outros tantos, que imaginam, inventam e ultrapassam o convencional estabelecido, para se relacionarem de maneira mais pura com a vida e os seres”, compondo os momentos iniciais da existência humana.

A criança constrói mundos míticos, cria verdades, pensamentos imprevisíveis, reelabora a lógica, indo além da racionalidade aparente. O escritor, por sua vez, com seu poder de criação, subverte também a lógica, desviando-se da normalidade, “inventando ou reinventando realidades”, ambos, criança e escritor, falando a “linguagem dos símbolos” e retratando o “mistério do homem” em si, num jogo duplo que conjuga passado/presente, menino/homem, do vivido/revivido, do realismo/fantasia, da infância/maturidade, constituindo assim uma importante relação simbólica entre Literatura e Infância, Escritor e Criança.

Resende (1988, p. 95) ressalta a presença do imaginário poético em Ana Maria Machado, a qual, apesar de não escrever para um público infantil (sem querer aqui erroneamente limitar o conceito do literário e do valor estético pelo uso do adjetivo ‘infantil’), assume grande recepção em crianças através de seu ato criador dotado de poeticidade que remete à simplicidade da vida cotidiana, “elementos simples do dia-a-dia, revirados fantásticamente, transfigurados em raridades imaginárias de grande vitalidade e encanto, recobertos de um senso incomum” (p. 99), que preserva a sensibilidade da infância.

A autora ainda elenca um capítulo do seu livro para falar a respeito do retrato regionalista do mundo infantil na literatura brasileira, sob o enfoque realista, distinguindo dois principais autores: José Lins do Rego, em *Menino de Engenho*, e Graciliano Ramos, em

*Infância*, em que ambos, utilizando-se de relatos de memórias, voltam-se ao passado, especialmente à infância, através do viés memorialista, substituindo a configuração de uma visão mítica, própria dessa fase da vida, para a rememoração áspera, crua, desprovida de ludicidade e encantamento das experiências de uma infância quase adulta, marcada pelo enfrentamento dos conflitos e dificuldades em uma realidade hostil, que corrompe essa infância, logo conciliada ao amadurecimento precoce que antecipa a vida adulta e não dá margem a qualquer fantasia (RESENDE, 1988, p. 160).

Ressalta-se ainda na compilação de Resende (1988, p. 167) a questão do sadismo, do lado não inocente das atitudes infantis, manifestados na própria infância ou em fases posteriores preservados na personalidade adulta, denunciados pela linguagem, pela configuração estética e pelo sentido literário circunscritos na dimensão do constructo simbólico ficcional.

Baseando-se no artigo do médico psiquiatra Antonio Carlos Cesarino, intitulado *Comportamento Agressivo – Uma Espécie de Abacaxi* presente na obra *O Sadismo de Nossa Infância* (organizado por Fanny Abramovich, 1981) e no livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, de Bruno Bettelheim (1980), a autora destaca o caráter ambíguo no comportamento da criança, que varia entre pureza e perversidade, bondade e maldade, docilidade e agressividade, intolerância e complacência (RESENDE, 1988, p. 168-169). Ela chama atenção ainda para o fato de que a maioria dos adultos evocam de maneira saudosista o passado relacionado à fase de vida correspondente à infância, mesmo que esta lembrança não seja marcada positivamente, sem a realização de seus sonhos e desejos infantis, “distanciando os dissabores e frustrações”. A justificativa para isso é a tentativa de amenizar os sofrimentos da vida adulta, recorrendo-se a uma fuga idealizada ao passado (p. 171), especialmente à infância, fase na qual a realidade humana interior perpassa a expansão da fantasia, a percepção da vida pelo viés da expectativa, da surpresa, da brincadeira, do lúdico, do imaginário (p. 178).

A esse respeito, Rubem Alves desmistifica a visão de uma infância plenamente feliz, livre de conflitos e de temas tristes. Na infância, a criança experimenta perda de coisas, de pessoas, objetos, vivencia a dor, a tristeza, a frustração, o temor, o medo (ALVES, 1985, apud WENZEL, 2006, p. 38-39). Segundo Almeida (1970, p. 12), Augusto dos Anjos teve uma infância triste, sem alegria no engenho Pau d’Arco, marcada pelo autoritarismo materno e pela sujeição do poeta a “inexorabilíssimos trabalhos”,

Teve êsse poeta uma infância sem alegria no engenho Pau d'Arco. O ambiente que ali respirava asfixiava-o. Sua mãe, Sinhá-Mocinha, era quem mandava, como ditadora, naquele mundo de horizontes fechados. Seu pai, dr. Alexandre dos Anjos, homem boníssimo, de sólida cultura humanista, versado em latim, grego, matemática, ciências naturais, história e disciplinas correlatas, não mandava coisa alguma, nem na casa, nem no engenho. Mas foi êle quem pôs a carta de A-B-C nas mãos de Augusto e preparou o rapaz para os exames no Liceu Paraibano em tôdas as matérias do curso de humanidades (ALMEIDA, 1970, p. 12).

De acordo com Mata (2015, p. 13), mesmo com a mudança da mentalidade na medicina e na filosofia em relação à infância durante o século XX, a qual passa a ter maior reconhecimento no meio social, com a implementação de políticas públicas, visando compreender os dilemas apresentados pela criança nessa fase de desenvolvimento, sua presença na literatura, apesar de limitada sob o ponto de vista quantitativo, é, contudo, significativa, ao trazer reflexões acerca da constituição da infância durante este período para o campo literário, por meio do diálogo de obras que tematizam de alguma forma o universo infantil, seja tendo a criança como protagonista e narrador ao mesmo tempo, ou uma reconstituição pelo perspectiva do narrador adulto.

Porém, para o autor, o papel da tematização da infância na literatura não pode restringir-se à mera reconstituição do cenário sociocultural na qual foram construídas, indo além da “tentativa de se narrar a vida social das crianças” (MATA, 2015, p. 15). Nessa perspectiva, a infância pode ser tomada pelo seguinte viés, o constituir-se num “simplex tópico”, a ser explorado pelo autor a partir de um olhar externo de estranhamento, denúncia ou nostalgia, por exemplo, sem preocupação com a “tentativa de se recriar um mundo afetado pelo olhar infantil”, como no romance *Infância dos mortos* de José Louzeiro, publicado em 1977, retratando a infância no meio urbano brasileiro.

Mata (2015, p. 15) acrescenta que, concomitante a uma crítica social, é frequente o surgimento de um “tensionamento simbólico ou alegórico”, isto é, a elaboração da temática infantil sob um ponto de vista, que “posiciona a infância como um significante relacionado a múltiplos significados”, de modo a concentrar no personagem infantil a imagem da inocência, sabedoria, do novo, do futuro, herança do pensamento romântico, podendo resultar no chamado “esvaziamento político da infância”, uma espécie de “signo mítico”, mitigando o papel inovador que a literatura pode alcançar. Para o autor, tal problemática consegue ser solucionada a partir da ressignificação da infância como um processo que vai além da mera tematização.

### 2.3 A infância na poesia de Augustos dos Anjos: A inocência como força redentora

Após uma análise minuciosa na obra *Eu e Outras Poesias*, de Augusto dos Anjos, é possível perceber a exploração da temática da infância em alguns poemas, sejam eles trechos, versos, nos quais aparecem direta ou indiretamente o vernáculo, como em *Debaixo do tamarindo* e *Poema negro* (Eu) ou em poemas dedicados inteiramente ao desbravamento do termo pelo eu-lírico, como em *Mágoas*, *Senectude precoce* (Poemas esquecidos). Assim, visando explorar a representatividade da infância na obra do poeta paraibano, destacaremos neste trabalho seis principais poemas, a partir dos quais faremos uma leitura analítica, estética e temática.

Começaremos pelo poema “Mágoas”, escrito em 17 de janeiro de 1901, durante a “mocidade” do poeta, quando ele se encontrava com apenas 17 anos. O poema abre a compilação dos “Poemas esquecidos” da 35ª edição do livro *Eu e Outras Poesias*, publicado pela editora Civilização Brasileira, em 1983.

*Mágoas* (ANJOS, 1983, p. 209)

Quando nasci num mês de tantas flores  
 Todas murcharam, tristes, langorosas  
 Tristes fanaram redolentes rosas  
 Morreram todas, todas sem olores

Mais tarde da existência nos verdores  
 Da infância nunca tive as venturosas  
 Alegrias que passam bonançosas,

Oh! Minha infância nunca teve flores!  
 Voltando à quadra azul da mocidade  
 Minha alma levo aflita à eternidade

Quando a morte matar meus dissabores.  
 Cansado de chorar pelas estradas,  
 Exausto de pisar mágoas pisadas,  
 Hoje eu carrego a cruz das minhas dores!

Quanto aos elementos constitutivos do poema, em relação à escansão, verifica-se a predominância de versos decassílabos heroicos, com ritmo cadenciado nas sílabas seis e dez, que perpassam toda a construção literária do poema a partir do segundo quarteto.

O poema está agrupado em 12 versos, sendo dois quartetos e dois tercetos, formalizando um soneto (estrofação), cuja métrica é perfeita, garantindo a sonoridade do poema e sua musicalidade, fazendo deste um poema para ser declamado, aproximando-o do estilo simbolista pela musicalidade/sonoridade e do parnasianismo pela construção dos decassílabos heroicos (com ritmo cadenciado nas sílabas seis e dez) e sáficos (com ritmo cadenciado nas sílabas seis e dez), conferindo ritmo ao poema a partir da marcação das tônicas, como atestam os versos 1 e 2, por exemplo.

Em relação ao rimário, destacam-se a presença das rimas externas ao longo do soneto. O primeiro e o segundo quartetos são compostos por rimas externas do tipo ABBA, sendo as do tipo A interpoladas e as do tipo B emparelhadas. Nos tercetos estão presentes as rimas do tipo CCADDA. As rimas CC e DD são emparelhadas, enquanto as do tipo A são interpoladas.

A existência de rimas sonoras internas é perceptível em várias partes do poema, como observado no primeiro quarteto, através do emprego das palavras *murcharam/fanaram/morreram* e em *tristes/redolentes* para referir-se a “flores”, promovendo uma convergência sintagmática de ideias que convergem para o sentimento de deterioração da vida ante a realidade certa da morte.

Há também a construção de rimas toantes entre os termos *flores/todas/languorosas/rosas/olores*. Elementos complementares também podem ser vistos na elaboração poética do quarteto, dentre eles a aliteração do “s” (“nasci”, “mês”, “tantas”, “flores” – primeiro verso; “todas”, “tristes”, “languorosas” – segundo verso; “tristes”, “redolentes”, “rosas” – terceiro verso e, por fim, no quarto verso, “todas”, “sem”, “olores”). A repetição dos fonemas consonantais surdos /s/ cria um efeito sonoro significativo para lembrar o som do objeto nomeado no título do poema, isto é, as “mágoas”, bem como remeter à ideia de pluralidade refletida num passado, configurando-se como um elo perdido entre o presente e o futuro.

Quando nasci, num mês de tantas **fLORES**,  
**T**Odas **murcharam**, **tristes**, languor**OSAS**,  
**T**ristes **fanaram** **redolentes** **rOSAS**,  
**Morreram** **t**Odas, todas **sem** **olORES**

Aí notamos também a existência dos chamados quiasmas semânticos, constituídos pelo cruzamento dos sintagmas que indicam a contradição da vida nos pares: “nasci/tristes”, “flores/murcharam”, “redolentes/sem olores”, “rosas/morreram”. Esses quiasmas vão estar na tessitura na totalidade do poema, entrelaçando as ideias entre uma estrofe e outra, formando visualmente a representação da infância do eu-lírico, marcada pelas contradições e pelas mágoas que intitulam o poema:

Quando nasci, num mês de tantas flores,



Todas murcharam, tristes, languorosas,

Tristes fanaram redolentes rosas,

Morreram todas, todas sem olores



No soneto, há uma comparação frequente entre a infância do poeta e as flores, refletindo na disposição formal e semântica do poema, que utilizando rimas emparelhadas entre os quartetos e tercetos, parece buscar um efeito imagético de espelhamento de ideias. O objetivo desse tipo de construção reside em ressaltar a predominância de uma eterna mágoa que assola a existência do eu-lírico na vida adulta como reflexo de uma infância marcada por vestígios de um tempo patriarcal, opressor, que oscilava entre a liberdade e a sujeição. É a própria reverberação do menino e do homem Augusto entre os versos e estrofes do poema. O poeta escreve como se tivesse próximo ao seu objeto de reflexão pela primeira vez, tal qual a criança face aos deslumbramentos da vida.

Relatos na literatura acerca da infância de Augusto dos Anjos, como o de Humberto Nóbrega (2012), evidenciam que o poeta paraibano “Lia muito. Mas brincava, corria. Gostava igualmente dos folguedos inerentes a essa idade. Na juventude, ainda no Engenho, estudando humanidades, constituía seu passatempo favorito, segundo o testemunho daqueles que foram seus contemporâneos, improvisar sessões de júri, nas quais preferia a posição de advogado”,

O poema adquire um tom memorialista e melancólico, de busca constante por um estado anterior à existência humana, em consonância com a natureza, equilibrando o olhar

inocente e sensível da criança com a sagacidade do escritor mais maduro que, longe de se distanciar daquele, refaz, revisita e perscruta o caminho de sua história de vida, não podendo jamais se dissociar deste.

A decadência que Augusto procura retratar no poema, conflui no próprio declínio do referencial do poeta: o engenho Pau d'Arco, uma das primeiras estruturas que vê desmoronar e onde passa parte de sua infância, culminando no sentimento de fragmentação das relações humanas e econômicas, identificando o “Eu” particular de Augusto com o mundo, o universal.

O uso do *enjambement* no segundo quarteto, nos versos 2 e 3 (*Da infância nunca tive as venturosas/Alegrias que passam bonançosas*), isto é, versos fragmentados que continuam no verso seguinte de maneira sintática, semântica e rítmica, conferem ao poema uma movimentação interna própria do eu-lírico, transmitindo uma ideia de continuidade, de prosseguimento.

A ideia da efemeridade da vida é também reforçada nos versos seguintes, compondo a terceira e quarta estrofes, bem como a noção da morte física versus a preservação das memórias do autor a partir de suas obras, o único legado do poeta, incapaz de ser atingido pela execrabilidade reológica do tempo. Por isso mesmo o poeta ordena:

*Volviendo à quadra azul da mocidade,  
Minh'alma levo aflita à Eternidade,  
Quando a morte matar meus dissabores*

Com isso, sua poesia se aproxima da filosofia do alemão Arthur Schopenhauer, o qual prega ser a vontade a essência da vida e o homem um mero escravo de seus quereres, nunca se aproximando da felicidade, do contentamento pleno. Para o poeta Augusto dos Anjos, é a dor quem norteia todos os sentimentos e o percurso existencial, porém essa dor tem caráter positivo (ela é perene e não a vida) ao passo que através dela se chega ao nirvana da alma e se consegue superar as atribulações da vida. Por tal razão, ele encerra a última estrofe com o verso “Hoje eu carrego a cruz das minhas dores!”, revelando um Augusto mais maduro.

É como se a criança “Augusto” já percebesse, desde cedo, que o mundo que ocultava dentro de si era similar ao vasto mundo ao seu redor, como um espelho. Mundo este pautado pelo reconhecimento de um tempo presente, mesclado com um passado (representação da

infância sem as “venturosas alegrias”) e um futuro incertos. Por tais razões, a criação de um cenário perfeito para o desbravamento da ideia de felicidade no conceito de infância não é possível para o poeta. Vida e morte entrelaçam-se nesse percurso fugaz.

Outro poema que se relaciona tematicamente com o soneto anteriormente analisado é *Senectude Precoce*, escrito no Engenho Pau d’Arco em 1905 e publicado no jornal *O Comércio* no mesmo ano:

*Senectude precoce* (ANJOS, 1905, p. 193-194)

Envelheci. A cal da sepultura  
Caiu por sobre a minha mocidade...  
E eu que julgava em minha idealidade  
Ver inda toda a geração futura!

Eu que julgava! Pois não é verdade?!  
Hoje estou velho. Olha essa neve pura!  
- Foi saudade? Foi dor? - Foi tanta agrura  
Que eu nem sei se foi dor ou foi saudade!

Sei que durante toda a travessia  
Da minha **infância** trágica, vivia,  
Assim como uma casa abandonada.

Vinte e quatro anos em vinte e quatro horas...  
Sei que na **infância** nunca tive auroras,  
E afora disto, eu já nem sei mais nada!

Tal como no poema anterior, os versos que configuram *Senectude precoce*, representam um poema que foge do discurso que coloca a infância dentro do lugar comum, místico, idealizado, sentimental, características estas conhecidas e muito presentes no poema *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu, um dos primeiros poetas a se voltarem para a temática, em que a infância, mais que um ponto de encontro entre o presente e o passado, é referenciada como uma espécie de “paraíso perdido”. Distante dessa concepção e, aproximando-se da ideia defendida por outros modernistas, Augusto dos Anjos entoa uma poesia mais séria, mais sincera, mais transgressora, entre aforismos e sombras, sem, contudo, deixar de lado o tom memorialístico de uma infância, na qual a felicidade parece ser

inexistente, fase esta que, em tese, deveria ser a mais acolhedora, um período de descobertas, de inquietações e de criações, lugar da inocência e do refúgio.

Podemos perceber esta ideia logo nos primeiros versos do poema, como em “Envelheci. A cal da sepultura/Caiu por sobre a minha mocidade...”. Augusto dos Anjos abre o poema como uma peça teatral, descortinando ao leitor o que será proposto dali para a frente de forma bastante direta, sem ardores, sem metonímias que suavizem o sofrimento do poeta, anunciando na segunda estrofe (“- Foi saudade? Foi dor? - Foi tanta agrura/ Que eu nem sei se foi dor ou foi saudade!”), quase que num tom mais confessional, a imagem de uma infância consciente dos problemas que não lhe poupam a pouca idade, a ponto de esta ser comparada a uma “casa abandonada”, “sem auroras”, como podemos perceber nos versos das duas últimas estrofes: “Sei que durante toda a travessia/Da minha **infância** trágica, vivia,/Assim como uma casa abandonada./(...) Sei que na **infância** nunca tive auroras”.

A infância ocuparia, assim, uma espécie de lugar privilegiado, ao mesmo tempo consciente do sofrimento trazido pela memória do eu-lírico. A imagem da casa abandonada enquanto um lugar simbólico e psicológico, voltado à proteção do sujeito que dela emana, é frequente na literatura brasileira, como em Emílio Moura (*A casa*, 1961), ressaltado no artigo de Cavalcanti (2015), intitulado *Memória, infância e poesia: uma leitura de A casa de Emílio Moura*, no qual o autor evidencia, assim como Augusto dos anjos, uma lírica relacionada à condição existencial do homem, perpassando pela tríade morte-solidão-amor. Nesse sentido, a casa representaria “uma espécie de receptáculo que conserva as primeiras lembranças de nossas vivências mais profundas, abrigando-as do mundo externo, resguardando nossos valores primordiais”, cujas memórias “são somadas à imaginação criadora que retrabalha o ambiente vivenciado no passado” (CAVALCANTI, 2015, p. 6).

Vitor Ramil, cantor, compositor, letrista e escritor brasileiro também traz a imagem da casa em uma de suas canções. *A ilusão da casa* propõe a representação da casa como um lugar de sobreposição de imagens, que vão paulatinamente se acumulando e “preenchendo todos os espaços” vazios, dando uma falsa ideia de estabilidade moral e física ao sujeito, o qual vê-se obrigado a se distanciar para outro lugar, disposto a “contemplar” “a ilusão da casa”, como podemos ver na letra da canção:

As imagens se acumulam  
Rolam no pó da sala  
São pequenas folhas secas

Folhas de pura prata  
 Eu plantado no alto em mim  
 Contemplo a ilusão da casa  
 As imagens se acumulam  
 Rolam enquanto falo  
 Eu sei!  
 O tempo é o meu lugar  
 O tempo é minha casa  
 A casa é onde quero estar  
 Eu sei!

De acordo com Corrêa (2013, p. 35-36) “esse afastamento da materialidade das coisas desloca o sujeito para o lugar do saber de si, a ponto de afirmar que o tempo é a sua casa e que a casa-tempo é onde quer estar”. O autor acresce ainda que o deslocamento do eu-lírico vai além do distanciamento físico, mas “temporal e poético”, podendo sugerir “a presença e a aceitação da vida poética, aquilo que não é ilusão, mas concentração/potência de energia poética e de alegria de morar”.

Para Augusto dos Anjos, a infância é desenhada na alusão imagética de uma casa abandonada, portanto é uma casa de ilusões ou uma “ilusão da casa”. Do ponto de vista filosófico, segundo Bachelard (2000, p. 25-26, apud Cavalcanti, 2015, p. 6-7), a casa simboliza o primeiro lugar, espaço vital, universo particular, geralmente constituído “pelos sonhos”, pelas “diversas moradas de nossa vida” que se interpenetram por meio da “união da lembrança com a imagem”, misturando “memória e imaginação” e é justamente “pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, que chegamos ao fundo poético do espaço da casa”, “sem ela o homem seria um ser disperso”.

Sendo a casa eminentemente um lugar de proteção, uma espécie de “berço”, “o primeiro mundo do ser humano antes de ser jogado no mundo”, ao rememorar a casa natal, o poeta automaticamente almeja o retorno a este “mundo inicial, paradisíaco, onde ele reencontra esta sensação protetora, em que a infância permanece inerte em suas mãos.” (CAVALCANTI, 2015, p. 7-8). Ora, se para Augusto dos Anjos, no poema em questão a infância é equiparada a uma casa abandonada, o eu-lírico perde a referencialidade de vida, de proteção, de refúgio, de voltar-se para uma casa que não mais existe ou nunca existiu e, dessa forma, ele se sente perdido no mundo, o que pode ser comprovado pela leitura do último terceto, mais especificamente o último verso: “E afora disto, eu já nem sei mais nada!”, levando o eu-lírico a uma “senectude (velhice) precoce”.

Do ponto de vista estético, o poema é marcado por versos que alternam entre períodos curtos, contendo ora um único verbo, como em “Envelheci. A cal da sepultura/ Caiu por sobre a minha mocidade...”, e longos, como observado em “ – Foi saudade? Foi dor? – Foi tanta agrura (...)”, assinalados por travessões, interrogações, exclamações e reticências, reforçando a insatisfação e amargura do eu-lírico com o tempo presente refletido no passado e projetado no futuro (“E eu que julgava em minha idealidade/Ver inda toda a geração futura!”), a partir do trabalho com pares antagônicos de ideias: “envelheci”/”sepultura”/”velho” x “mocidade”/”geração futura”, “dor”, “saudade”, “infância”, “trágica”, “aurora” que, juntas deságuam na constatação de que a vida, verdadeiro acúmulo de mortes, é mera ilusão; não poupa pessoas, nem situações, é a própria metáfora da “casa abandonada”, com ecos de assomos e imagens fragmentadas, servindo como esconderijo para os “eu” autobiográfico e para os demais “eus” desconhecidos e não experienciados pelo poeta.

Verbos no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo são predominantes no poema, especialmente nos dois quartetos, como em “Envelheci”, “caiu”, “julgava”, “foi”, “tive”, finalizando com verbos conjugados no presente do indicativo: “Sei que durante toda a travessia (...)/Sei que na infância nunca tive auroras,/E afora disto, eu já nem sei mais nada!”, reforçando o entrelaçamento temporal passado-futuro-presente.

Reiterando as análises feitas até aqui e de acordo com Kern (2008, p. 19), Gilberto Freyre (1996 apud Soares, 1996, p. 79) também traz a reconstituição da infância de um Augusto infeliz, com poucos deslumbramentos, acrescido pela falsa crença de que o poeta era um tísico. Assim, de acordo com o crítico: “(...) Sua meninice deve ter sido sem encanto. No meio da mata grande do engenho, o menino triste deve ter ouvido o espírito da natureza tropical murmurar-lhe pela primeira vez ao ouvido já aguçado talvez pela tísica: ‘Se me amas, não penses, querido!’ Ele desobedeceu. Pensou. Pelo menos, quis pensar”.

Percebemos, assim, que o poeta apresenta a imagem de uma infância consciente dos problemas que não lhe poupam a pouca idade, desmistificando a imagem popular de uma infância meramente feliz, ao mesmo tempo fantasiosa e divertida, mas, pelo contrário, nos revela temas tristes, dolorosos e os dissabores de uma época da vida em que tradicionalmente os sofrimentos deveriam ser poupados ao sujeito. Nesse sentido, aproxima-se da visão trazida por Rubem Alves (1985, p. 5) ao propor que “O mundo das crianças não é tão risonho quanto se pensa. Há medos confusos, difusos, as experiências das perdas, bichos, coisas, pessoas que vão e não voltam...”

Tudo isto é visualizado na poesia de Augusto dos Anjos, cuja pluralidade do olhar, adjacente a uma maior liberdade com a linguagem, atinge os diferentes aspectos do fazer poético, em que a construção das memórias busca não somente a delimitação conceitual, mas sobretudo, os aspectos estéticos, históricos, imateriais e linguísticos da poesia.

Segundo Kirinus (2011, p. 33) a “infância é hiperbólica por natureza. Ela amplia e aumenta, com a lente da fantasia, do mundo fabuloso, o tempo e o espaço que lhe toca viver. O tempo é sempre agora”. Augusto dos Anjos traz uma poesia essencialmente indagadora, confrontando um eu-lírico inquieto mediante as questões metafísicas humanas.

Passemos à análise do poema *Debaixo do tamarindo*, publicado em 1912. Apesar de não fazer referência diretamente à infância, como nos poemas anteriormente analisados, remonta à época de seu Pai, na qual o menino Augusto era submetido a exaustivos estudos, em uma sociedade eminentemente patriarcal.

*Debaixo do tamarindo* (ANJOS, 1983, p. 42)

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,  
Como uma vela fúnebre de cera,  
Chorei bilhões de vezes com a canseira  
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,  
Guarda, como uma caixa derradeira,  
O passado da Flora Brasileira  
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios  
De minha vida, e a voz dos necrológios  
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,  
Abraçada com a própria Eternidade  
A minha sombra há de ficar aqui!

De acordo com Nóbrega (2018, p. 365) e reiterando o as ideias defendidas pelos psicanalistas, as experiências vividas no começo de nossa existência são aquelas que mais perduram em nossa memória, deixando “rastros duradouros”. Augusto, tendo sido nascido e criado no engenho Pau d’Arco, foi também, segundo ele, um “menino de engenho”.

O engenho, tão recorrente e frequente na poesia de Augusto dos Anjos, reflete um período que foi muito abordado por Gilberto Freyre (1996) em seus estudos acerca das organizações familiares, bem como dos cuidados dispensados às crianças durante as primeiras décadas do século XX numa sociedade marcada pela cultura patriarcal e escravocrata. Nesse ambiente, inserimos a sociedade rural nordestina. Nesse sentido, o crítico deixa antever princípios que eram estimulados por essa sociedade, sobretudo aos “meninos” da época, incitados a tornarem-se tão logo “adultos”, de tal modo que “a meninice” nestas sociedades “tornam-se curtas”, atenuando-se o “antagonismo entre o menino e o homem, entre o pai e o filho”, pois, consoante preconizara Freyre:

[...] O menino, com vergonha da meninice, deixa-se amadurecer, morbidamente, antes do tempo. Sente gosto na precocidade que o liberta da grande vergonha de ser menino. Da inferioridade de ser párvulo. Tamanho é o prestígio da idade grande, avançada, provecta, naquelas sociedades, que o rapaz imita o velho desde a adolescência (FREYRE, 1996, p. 67).

As vivências da mocidade e da meninice de Augusto dos Anjos aparece especial destaque na obra de Humberto Nóbrega, intitulado *Augusto dos Anjos e sua época* (2018), na qual o autor evidencia a iniciação dos estudos de Augusto dos Anjos, ao que parece ser uma verdadeira “escola socrática”, incitada pelo pai Alexandre Carvalho, geralmente “à sombra do tamarindo”, lugar representativo do “refrigério de suas canseiras pelos inexorabilíssimos trabalhos”, que o acolheu e o viu chorar “bilhões de vezes”, “como dentro das presilhas da métrica” (p. 368), conforme podemos ver no primeiro quarteto:

*No tempo de meu Pai, sob estes galhos,  
Como uma vela fúnebre de cera,  
Chorei bilhões de vezes com a canseira  
De inexorabilíssimos trabalhos!*

No poema, percebe-se a influência da figura paterna na formação do eu-lírico, desde a infância, por meio da educação ministrada por seu pai, versejando as suas saudades de um tempo mesclado por elementos que compõem retratos da infância do eu-lírico, tendo como principal símbolo o tamarindeiro, árvore sob cujas sombras principiara estudos árduos nas mais diversas áreas do conhecimento, principalmente na humanística. Estudo este tomado para o poeta como fonte principal de conhecimento e da ciência, debruçando-se “quase que

totalmente à leitura de livros que ele devora ferozmente, seja na biblioteca do pai, seja na do tio farmacêutico” (KULESZA, 1998, p. 7). Tal “volúpia do estudo aparece como procura de compensação, como o ônus decorrente da insuficiência – sentida como culpa – em compreender e, principalmente em ser” (VIANA, 1994, p. 150 apud KULESZA, 1998, p. 7).

Assim, os versos do poema são marcados pelo testemunho poético fortemente ligado ao sofrimento e a sensibilidade daquele que desde cedo viu descortinar à sua frente lembranças do cotidiano consagradas “Debaixo do tamarindo”, afinal:

Naquele ambiente tudo lhe sorria. Como se não fossem bastante os cuidados da família, ainda teve a infância acariciada pela ternura e pelos desvelos da mãe-preta. Guilhermina fazia--lhe todos os gostos. Furtava-lhe, é verdade, suas moedas. Mas envolvia-o de carinhos e felicidade. Em Pau d'Arco, na própria casa paterna, iniciou êle, em tenra idade o estudo de letras e de rudimentos de música. Em Pau d'Arco, onde a paisagem é uma festa para os olhos, passou êle a maior parte de sua existência (NÓBREGA, 2018, p. 365).

Ainda segundo Nóbrega “[...] As árvores sempre constituíram objeto de carinho para os Carvalhos da Várzea do Paraíba. Aliás, o próprio nome da família já lembra um precioso espécime do reino vegetal” (NÓBREGA, 2018, p. 293). A pedagogia paterna exacerbada na incitação de estudos livrescos constitui elemento bastante difundido na educação brasileira da época, característica essa responsável por aguçar em Augusto “a leitura e o verbalismo” (KULESZA, 1998, p. 7).

Jean Jacques Rousseau marcou as bases da pedagogia contemporânea, sendo considerado um dos principais teóricos da educação. Defendia a necessidade da chamada educação natural, a qual vertia sobre os princípios da liberdade, da natureza, da espontaneidade, da bondade natural do homem, da preocupação com a criança na sua totalidade, privilegiando-a como indivíduo, destacando, sobretudo, o retorno à natureza e o respeito ao desenvolvimento físico e cognitivo da criança. De acordo com essa proposta, a educação deveria ser direcionada de tal forma que privilegiasse o desenvolvimento autônomo do sujeito, tornando-o ao mesmo tempo capaz de pensar por si mesmo e responsável pelo seu destino (ROUSSEAU, 1995; KANT, 1999; KLEINMAN, 2014).

Rousseau acreditava na bondade natural do homem e na força corruptora da sociedade, que o corrompia, sendo a fonte dos males sociais. Assim, a função da educação era ensinar a criança a viver e a explorar suas potencialidades naturais, aprendendo a exercer a liberdade,

afastando-a de tais males sociais. O autor propunha que a criança fosse estimulada desde o momento em que nasce a aprender a ler, a escrever, como também correr, cair, brincar, praticar esportes, sendo a educação guiada pela razão e subordinada à vida, cabendo aos mestres da educação interferir o mínimo possível nesse processo. Seu papel principal é o de incitar tais sentimentos nas crianças. Assim, o indivíduo vai evoluindo naturalmente, constituindo as bases filosóficas do pensamento educacional de Rousseau (ROUSSEAU, 1995; KANT, 1999; KLEINMAN, 2014).

A educação moral vista em Kant domina o pensamento filosófico do século XIX, sendo este contemporâneo a Rousseau, em pleno iluminismo. Kant concebe a educação como sinônimo de educação moral, vertendo sobre a formação do caráter, da virtude, isto é, do agir conforme o dever, a ética, o exercício do pensamento, segundo o desenvolvimento da razão, através da qual a animalidade do ser seria transformada em humanidade. Percebe-se, pois, aí, a humanidade como um atributo que confere dignidade à pessoa. Diferentemente de Rousseau, para Kant o homem não era nem bom nem mau por natureza porque não era naturalmente moral, mas tornava-se moral pela educação, “quando eleva sua razão até os conceitos do dever e da lei”, daí a importância do processo educativo o qual defendia (visão antropológica-moral).

A virtude é uma das principais ferramentas que pode colocar o homem no bom caminho, tornando-o moralmente bom. Ela pode ser adquirida inicialmente através da educação, afastando-se posteriormente para se apoiar na ideia de liberdade. Pela cultura moral a criança aprende a discernir o que é bom e o que é mal, a formar seu caráter, devendo manter-se firmes em suas escolhas. Dessa maneira, a criança pode servir-se de sua própria liberdade de escolha, encontrando a felicidade dentro de si (ROUSSEAU, 1995; KANT, 1999; KLEINMAN, 2014).

Observa-se, portanto, que a educação moral kantiana “é aquela pela qual o homem deve ser cultivado para que possa viver como um ser livre”, baseando-se nos princípios que o levem à conquista da moralidade e, conseqüentemente, de sua inserção na sociedade. Tal era a pedagogia defendida e praticada por Alexandre Carvalho em relação aos filhos, muitas vezes exercida à sombra do tamarindo. Por certo, o Augusto “criado sob o influxo benéfico do seu pai, que também lhe serviu de mestre” bem representaria “o tipo do menino de engenho de alma cândida, do menino de boa família e de bons costumes”, de tal forma que “aos quatro

anos, graças aos ensinamentos paternos, lia correntemente, e, com a idade de sete, compôs os seus primeiros versos”, (NÓBREGA, 2018, p. 216-218), permitindo-nos concluir que:

O tamarindo, sem dúvida, constituía a sua mais viva reminiscência. Cenário de suas travessuras de criança, “escola socrática” onde o Dr. Alexandre lhe descortinara o mundo das letras, e refúgio de suas abstrações para idealização de tantas de suas poesias! Para o poeta, o sossêgo e a beleza daquêl meio campestre sôbre modo concorreram para a perfeição de suas criações artísticas” (NÓBREGA, 2018, p. 366).

Nóbrega (2012, p. 215-218) revela que Augusto amava seu pai, “um filho que se constituíra sócio do pai em todos os seus sofrimentos”, chegando a ser “exemplar seu amor paternal”, numa relação de afinidade mútua, afinal de contas “pai e filho identificavam-se. E o filho não sentia a menor revolta contra aquele que lhe dera o ser” e que também “lhe serviu de mestre”. Tal é o menino que Augusto evidenciaria nos poemas dedicados ao seu pai.

Nesse ponto, nota-se a contraposição entre o Augusto adulto, homem e o menino que ecoa em suas memórias, testemunho confessional de um poeta ligado aos lados antagônicos da vida. Tal fato pode ser evidenciado em alguns trechos do seu *Poema Negro*, no qual o poeta em um tom indagativo e enfático dispõe de “perplexas reflexões” acerca da relação entre o poder de conhecimento detido pelo homem e sua incapacidade de “desvendar o mistério das coisas”, a exemplo da sua inépcia diante da morte e a despeito “de suas pesquisas científicas, produzindo uma espécie de “tensão polarizadora” entre “razão e emoção”, entre “o eu e o mundo”, acentuando, por outro lado, “a fé numa realidade transcendente” (ANDRADE & BARBOSA-FILHO, 2012, p. 21-22), conforme podemos observar nos seguintes trechos:

Para iludir minha desgraça, estudo.  
 Intimamente sei que não me iludo.  
 Para onde vou (o mundo inteiro o nota)  
 Nos meus olhares fúnebres, carrego  
 A indiferença estúpida de um cego  
 E o ar indolente de um chinês idiota!  
 A passagem dos séculos me assombra.  
 Para onde irá correndo minha sombra  
 Nesse cavalo de eletricidade?!  
 Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:  
 — Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?  
 E parece-me um sonho a realidade

[...]

É a Morte – esta carnívora assanhada –

[...]

Pois bem! Chegou minha hora de vingança.

**Tu mataste o meu tempo de criança**

E de segunda-feira até domingo,

Amarrado no horror de tua rede,

Deste-me fogo quando eu tinha sede...

Deixa-te estar, canalha, que eu me vingo!

(ANJOS, 1982, p. 65)

### 3. ANÁLISE DA TEMÁTICA DA INFÂNCIA NA POÉTICA DO *EU* E DE *OUTRAS POESIAS*

#### 3.1 O problema do biografismo: o *Eu* particular e o *Eu* universal

Frequentemente utilizada como meio para tentar explicar a obra de Augusto dos Anjos e correlacionar aspectos de sua vida pessoal com o material poético produzido pelo autor, o gênero biografia, apesar de considerado dispensável por críticos, como Afrânio Coutinho e J. Galante Sousa (2001), tem sido questionado pela crítica literária, gerando certo descrédito no que tange o uso do conhecimento da vida do autor à interpretação da obra, conforme frisam os autores supracitados ao afirmarem que, na atualidade, em virtude das “novas orientações da exegese literária”, o biografismo “perdeu sua importância”, cedendo lugar ao “texto e sua literariedade”.

Nesse cenário, evidencia-se o lugar do autor e do sujeito poético na constituição intrínseca da obra, antigamente associada à intenção do autor, fruto do historicismo, da filologia e do positivismo que, nas palavras de Compagnon (2010, p. 51) restringe a interpretação literária crítica, uma vez que a intenção do autor não deve ser empregada para “determinar ou descrever a significação da obra” sob o risco de incorrer-se à redução “da questão do autor à da explicação do texto pela vida e pela biografia”, como se a obra fosse uma espécie de “confissão”. Para ele, pelo contrário, a significação da obra não é estática, indo além da pura intencionalidade provocada e/ou sugerida pelo seu autor, ressignificando-se

a cada época, a cada contexto histórico, sendo medida também pelo leitor, que assume papel principal nesse pacto entre autor, leitor e obra.

Assim, apesar dos biografismos às vezes erigidos na literatura para explicar a poesia de Augusto dos Anjos, é notável que “o poeta paraibano construiu uma espécie de pacto com o leitor”, a fim de “entendê-lo e aceitar a riqueza vocabular de sua poesia sem maiores questionamentos” (GUEDES, 2017, p. 31). De fato, Augusto dos Anjos vale-se de sua poética contemplando a figura do autor e também do personagem, de forma que o “conjunto” de sua poesia reside em “primeira pessoa”.

No ensaio intitulado *Augusto dos Anjos ou um eu para além do puro biografismo*, de Henrique Duarte Neto (2011), centraliza-se a questão do estatuto do “sujeito poético” na “poesia canônica” do poeta paraibano, a partir da demonstração por meio de uma vasta pesquisa na literatura da impossibilidade de sintetizar o eu biográfico e o eu-lírico na figura do autor, conferindo caráter universal à obra: “O *Eu* só é possível no singular enquanto potência discursiva. E há uma tensão de forças entre estas duas instâncias que provocam a pluralidade do sujeito poético, errante por princípio, mas que encontra na errância um lugar” (NETO, 2011, p. 220).

Longe de querer desprezar a importância das possíveis contribuições biográficas no estudo da constituição do “eu” poético em Augusto dos Anjos, o ensaísta alerta para o perigo da negação da autoria na tentativa de superar o biografismo, ressaltando seu papel coadjuvante no trabalho com o fazer literário estético, no qual a obra deverá sempre exercer protagonismo (NETO, 2011, p. 203).

A partir de uma análise de dados biográficos e autobiográficos relacionados à poesia de Augusto dos Anjos, parte da crítica literária desponta para contestar o lugar do biografismo nos estudos estéticos de uma obra, uma vez que este tende a promover erroneamente o “espelhamento” entre ficção e realidade, ao transpor para a análise composicional da obra as experiências existenciais da vida do autor biografado, levando a “erros e a generalizações perigosas”, conforme ratificado por Perrone-Moisés (1973, apud Neto, 2011, p. 203-204).

Para Otávio Paz (1982, Apud Neto, 2011, p. 204), embora não possa definir o poema, a biografia, assim como a história, pode, na “exterioridade constitutiva do discurso” deixar transparecer particularidades importantes do poema que integram a obra em sua plenitude. De acordo com Neto (2011, p. 204-207), apesar de tais contribuições não serem tão amplas em Augusto dos Anjos, fatores autobiográficos podem surgir para confirmar ou refutar

referências do universo pessoal do autor para o âmbito de sua poesia. São elas: as **menções ao próprio nome**, a **características físicas**, a **peças e lugares de sua intimidade** e, finalmente, **à arte, à própria poesia**.

Neto (2011, p. 208) identifica três passagens nas quais Augusto dos Anjos referencia o próprio nome em sua poesia, a partir de trechos presentes em *Os doentes* (“O inventário do que eu tinha sido/Espantava. Restavam só de **Augusto**/A forma de um mamífero vetusto/E a cerebralidade de um vencido!”), *O mar, a escada e o homem* (“E **Augusto**, o Hércules, o Homem, aos soluços,/Ouvindo a Escada e o Mar, caiu de braços/No pandemônio aterrador do Caos!”) e em *Gemidos de arte* (“Eu, depois de morrer, depois de tanta/Tristeza, quero, em vez do nome – **Augusto**,/Possuir o nome de um arbusto/Qualquer ou de qualquer obscura planta!”) (Grifo nosso). Ele acresce que, apesar de tais referências fazerem alusão ao autor, denunciando a figura do sujeito sofredor que “sucumbe diante da mácula que traz consigo”, tais referências não podem ser consideradas em si provas de uma “construção poética” de “natureza autobiográfica”:

O nome próprio, talvez, funcione mais como uma forma de dar mais robustez e densidade ao eu-lírico, de preenchê-lo com algum conteúdo de “realidade”. Ou seja, construir um eu ficcionalmente real. O que não é o mesmo que dizer, com todas as letras, que há uma convergência plena (impossível!?) entre a figura do autor e o “eu” expresso em sua poesia. (NETO, 2011, p. 208)

No que tange ao segundo aspecto, ou seja, à constituição de características físicas presentes no plano poético que podem preanunciar traços de ordem autobiográfica, destaca-se descrições quanto à “magreza” do ‘eu’, a partir dos atributos “sombra magra”, “magro homem”, “Eu, desgraçadamente magro”, evocados pelo eu-lírico em alguns de seus poemas como em “Viagem de um vencido” e “Cismas do destino” (NETO, 2011, p. 208).

De fato, o próprio Órris Soares, um de seus principais ensaístas, define Augusto dos Anjos no prefácio à trigésima quinta edição do “Eu” (1983) como “magro”, “cabelos pretos e lisos”, dotado de uma “magreza esquelética”, “faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada”, “olhar doente de tristura e nos lábios uma críspação de demônio torturado”, de “clavícula arqueada”, “braços pendentes”, cujo andar “nada aprumado”, “parecia reproduzir o esvoaçar das imagens que lhe agitavam o cérebro” (SOARES, 1983, p. 30). Para Soares (1983, p. 31), Augusto dos Anjos ainda “nascera sofredor”, “era a alma uma água profunda, onde, luminosas, se refletiam as violetas da mágoa” e cuja “única força criadora e redentora” fora a “dor”, sendo ele constantemente “amparado por essa visão

sofredora”, vista e sentida em vida. E acrescenta ser “seu coração, por ultrasensível, uma fonte inesgotável de aflições”.

Órris Soares, o lado de outros ensaístas, como Hermes Fontes, José Oiticica, Antônio Torres, Raul Machado e Agripino Grieco, embora seus textos carecessem de criticidade estética, por servir-se mais da análise “impressionista e apologética”, do que do que da leitura crítica do *corpus* da obra anjosiana e terem sido escritos por amigos, admiradores do poeta, durante a primeira metade do século XX (até os anos de 1950), foram imprescindíveis para a disseminação da obra de Augusto dos Anjos, até então repudiada pela crítica da época. Sob a denominação de “sub-críticas” e caracterizadas por exaltar o homem Augusto dos Anjos em detrimento do ideário contido em sua obra, ressaltam-se ainda por evidenciarem aspectos relevantes da vida do poeta que contribuíram para o estabelecimento de importantes correlações entre os dados biográficos relatados com os dados literários presentes no poema (FRANCO, 2000, p. 17-18).

Dessa forma, por ter se tornado o primeiro texto a relatar informações biográficas a respeito de Augusto dos Anjos, o prefácio de Órris Soares transforma-se numa espécie de “ponto de referência” para os demais autores e futuros biógrafos, muito longe ainda de integrar a chamada “crítica madura”, pautada na centralidade da obra, na “tematização”, no “distanciamento crítico” e na não exaltação do autor, vindo a surgir somente nas décadas seguintes (FRANCO, 2000, p. 17-18).

Percebe-se, assim, que no caso de Augusto dos Anjos as primeiras biografias surgidas foram de essencial para a divulgação de sua obra e para a inserção do autor na literatura brasileira. Entretanto, a associação de aspectos da vida do poeta àquilo que é visto em sua poesia, com recorrência pouco frequente a trechos da obra contribui mais para a rememoração de aspectos pessoais da vida do autor do que para a análise crítica literária em si, relegando-se a esta a um segundo plano.

Quanto ao terceiro aspecto, isto é, no que se refere aos registros de citações a lugares e pessoas em sua poesia, como por exemplo, as recorrentes alusões ao Engenho Pau D’Arco, onde o poeta nascera e vivera durante a maior parte da sua existência, bem como as figuras do pai e da mãe. A esse respeito, Neto (2011, p. 210) cita Francisco de Assis Barbosa (1993, p. 53) para caracterizar a influência do meio familiar (o Engenho Pau d’Arco) e dos progenitores na poesia de Augusto dos Anjos. Nesse sentido, o Engenho Pau d’Arco representaria uma espécie de “cenário de desolação, simbolizando as ruínas, os desmoronamentos próprios de

sua visão pessimista” e Ioiô e Sinhá Mocinha constituiriam “partes do mesmo mundo em dissolução no qual o filho foi também personagem e, mais do que isso, o demiurgo poético, criando uma supra-realidade, o mito do Pau-d’Arco (BARBOSA, 1993, p. 53 apud Neto, 2011, p. 210).

Neto (2011, p. 210-213) afirma que tais referenciais serviriam mais como um “ponto de partida” teórico para se compreender as reais dimensões da poesia anjosiana, sem, contudo, negar nem exagerar sua relativa importância, uma vez que “o eu” que surge em sua poesia parece ter uma “dimensão” mais “cósmica”, “consoante à dispersão do sujeito”, não se limitando “em sua errância à fixidez das demarcações” autobiográficas. Em outras palavras, funcionariam como espécies de indícios para o levantamento de conjecturas “provisórias”, porém jamais definitivas. Dessa forma, a figura do eu-lírico, desse “sujeito poético” de alcance universal, se expandiria para “além do eu biográfico”, contrapondo-se à ideia defendida por Gullar (1995, p. 45), para quem a poesia ao assumir um “compromisso total com a existência” promoveria o “espelhamento entre a realidade extrínseca e a intrínseca, entre Augusto dos Anjos e a *persona* poética criada por ele”.

Logo, a poesia de Augusto dos Anjos ganharia caráter multifacetado, valorizando “a deformação, a elipse e o fragmento”, havendo a “emergência de um ‘eu’ preñado de simbologias”, “enigmático e ambíguo”, transcendendo todos “os contornos fixos” e que, em virtude de sua “pluralidade”, tende a ser “errante”, substrato de um “eu” visionário, sendo impossível sintetizar o eu-lírico e o eu biográfico uma vez que “O *Eu* só é possível no singular enquanto potência discursiva. E há uma tensão de forças entre estas duas instâncias que provocam a pluralidade do sujeito poético, errante por princípio, mas que encontra na errância um lugar” (NETO, 2011, p. 213-216; 220).

Helena (1984, p. 27-29) em *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos* aborda a questão do protagonismo do *corpus* literário sob uma perspectiva crítica, apontando para o “permanente desafio” da leitura crítica do texto de Augusto dos Anjos, uma vez que a maioria dos estudos a ele relacionado é constituída por “apreensões de natureza subjetiva e apologética”, típicas da crítica biográfica. Dessa forma, corroborando com a proposta preconizada por Neto (2011), a autora destaca alguns obstáculos teóricos, os quais dificultam a “superação desse impasse”. São eles: **o princípio da identidade** no qual operam-se as igualdades: homem = autor, autor = poeta, homem = poeta e, ainda, palavra do homem (sujeito) = palavra do poeta, ocupando a “palavra poética” a mera reprodução simétrica da

realidade; **a mimetização da arte como cópia do real**, que surge como uma interpretação subjacente à ideia anterior e corrobora com a identificação fiel do autor com a obra, “espelho da alma” do sujeito que a compôs; e, por fim, **o princípio do determinismo sociológico**, em que a obra se torna produto de “pressões sociais, raciais e biológicas” a que esteve “submetido o autor”, espelhando a obra com a transcrição da realidade, escrita poética como uma espécie de diário pessoal, autor com personagem.

De acordo com Helena (1984, p. 29), tal comportamento, de natureza impressionista, determinista, subjetiva, sociológica, psicológica (focalizada nas mazelas psíquicas do poeta, estereotípias do “Eu” conquanto um caso “psicopatológico”) e biográfica, contribuiu negativamente para a compreensão crítica da obra de Augusto dos Anjos, promovendo “a morte do poema na vida do poeta”. A autora salienta que é preciso levar, contudo, em consideração a conjuntura crítica da época na qual a obra de Augusto dos Anjos aparece, para que possamos compreender como “as qualidades e os defeitos/mitos” “atribuídos à obra do poeta” foram perpassados e reproduzidos ao longo do tempo.

Como vimos, muitos de seus ensaístas e “críticos”, como Humberto Nóbrega, Horácio de Almeida, dentre outros, incorporaram os princípios anteriormente descritos por Helena (1984, p. 28) na análise da obra do poeta, a qual, a seu ver, se transformou em um tipo de “documento, o mais preciso e rigoroso registro da vida de seu autor”, limitando-se, dessa forma, a “não procurar o autor fora de sua obra, isto é, fora do Eu”.

Apesar de tudo, a expansão da classe dos leitores no século XIX contribuiu para o surgimento de um corpo crítico, embora “incipiente e bipartido” e pautado ainda na abordagem extraliterária. Tal crítica predominou até a década de 1960, mais precisamente entre os anos de 1944 e 1962. Foi somente a partir desse período que vimos emergir eminentemente uma nova crítica, preocupada com o fenômeno literário, sob uma concepção mais intrínseca e estética da obra, tendo Afrânio Coutinho como precursor. Em virtude desse grande “descompasso” durante muitos anos de que resultou a atividade analítica da obra de Augusto dos Anjos, pode-se dizer que os estudos do “Eu” integraram perspectivas fragmentadas, limitadas, equivocadas, realizados em sua maioria superficialmente, de tal forma que se limitou a procurar o poeta no corpo de sua obra, o “eu dentro do Eu”, “desencontrando-se do texto do poeta”, marcado pelo seu “exotismo, cientificismo e morbidez” (HELENA, 1984, p. 30-31).

Dessa forma, é através de uma “crítica vigilante”, isto é, voltada para a investigação do fenômeno poético enquanto objeto de sua análise que o texto literário, também linguístico, pode ser tomado com maior rigor, ao mesmo tempo em que se deve tomar cuidado para não cair na “dogmatização” do “método científico”, marcado pelo objetivismo crítico em detrimento da “vigília do poético”. Nesse sentido, o texto literário deverá exigir um diálogo entre aquilo que ele fala e o que silencia. Tal é a perspectiva defendida por Helena (1984, p. 47-55), pois para a autora “nesse âmbito é que se processa o nosso diálogo com o texto poético de Augusto dos Anjos. Dizemos diálogo porque o texto poético realiza uma dupla movimentação no processo de comunicação da poesia: ele fala, ao mesmo tempo que silencia”.

Para concluir, Helena (1984, p. 54-57) afirma que a obra de Augusto dos Anjos deve ser focalizada enquanto obra de arte literária, cuja proposta não é necessariamente negar nem afirmar as formulações anteriores nas quais a obra de Augusto dos Anjos era tomada ora como forma de igualdade do “Eu” (obra) com o eu (sujeito, autor, ele mesmo), espelhando-se o autor na sua obra (vertente crítica determinista-biológica-biográfica-psicologista); ora, como negação do “Eu” com o “eu”, refutando-se a ideia da obra como projeção do escritor (vertente estilístico-formal), mas admitir uma dupla formulação: o “Eu” não apenas como uma estrutura formalmente constituída, reduzido a um a um “objeto produzido, utilitário”, porém o “Eu” como “o lugar do acontecimento existencial”:

[...] Se o poema se objetiva como estrutura de língua e discurso é porque a obra de arte literária dialoga com o próprio modo de ser da existência. O ser literário de uma obra de arte literária não será, por esta razão, nem uma estrutura, nem um depoimento: enquanto obra poética, a obra se inutiliza como objeto e o homem como sujeito. O Eu, como o lugar em que se manifesta, com plenitude, o dizer da linguagem poética, é o máximo de silêncio e o máximo de voz (...) **O Eu é o espaço vital em que se processa um único Poema**, e em que se coloca uma única questão: a experiência literária da gravidade do existir (HELENA, 1984, p. 57-58. Grifo nosso).

### 3.2 A infância como símbolo: o viés psicanalítico

Conforme vimos no capítulo 2 deste trabalho, o conceito da infância passou por significativas transformações ao longo dos anos, de acordo com as visões históricas, sociais, políticas e culturais de um determinado lugar e tempo, adquirindo diferentes significações e simbologias, muitas das quais viriam a revolucionar a noção do termo, principalmente no final

do século XIX e início do século XX com o surgimento da psicanálise, trazendo ao campo de investigação noções sobre o inconsciente, a sexualidade, a linguagem, o corpo, o sentimento de culpa, amor, melancolia, dentre outros, que acabam por expandir uma nova concepção da criança e da infância, contestando antigos tabus.

Nesse sentido, propomo-nos a tecer um diálogo entre a psicanálise e a literatura, articulando aspectos da teoria psicanalítica, a partir de autores como Freud, Lacan e Jung, no intuito de apresentar características constitutivas à representação da infância enquanto símbolo, bem como correlacioná-las à construção do eu-lírico na poesia de Augusto dos Anjos relacionadas à temática em questão, sobretudo no que se refere à descoberta dos sentidos da existência humana, tema recorrente em suas composições poéticas.

Tal relação inicia-se com Freud, ao debruçar-se sobre o texto literário na tentativa de torná-lo campo de investigação do sujeito quando apenas os elementos psicanalíticos não forem suficientes para elucidar as representações de sentido do objeto de análise, tornando a relação entre literatura e psicanálise dialógica, na medida em que se acrescenta sentidos simbólicos ao texto a partir da interpretação psicanalítica, desvendando-lhes os “significados ocultos”, apontando o que seria o “desejo do texto”, o “inconsciente do texto literário”. Com isso posiciona-se o sujeito no “lugar do não sabido”, “para o conhecimento” “da falta perante o texto”, aproximando-se do real pelo simbólico (VILLARI, 1997, p. 117-120; 123-124).

De acordo com Simões (2017, p. 160-162), a literatura pode ser entendida como a “arte de criar e recriar textos”, expressão do inconsciente que, através das palavras “ditas” e das “não ditas”, “apreende a experiência do corpo com a realidade”, constituindo, assim, o sujeito e seu discurso, preexistindo, portanto, à própria Psicanálise. Em relação à esta temática, Sigmund Freud aponta para a importância do inconsciente enquanto um conceito dinâmico, constituído por “impulsos pulsionais” e “representações”, dos quais derivam “formações substitutivas”, como os sonhos e as fantasias. Assim, é o inconsciente que, uma vez estruturado a partir da linguagem com seus significantes e significados, situará o desejo do sujeito nos discursos que ele cria, seja através da fala ou da escrita.

A narração de momentos da infância na poética de Augusto dos Anjos, como vimos anteriormente, é marcada por muitos simbolismos que envolvem a melancolia, a angústia, a tristeza, a culpa, o fracasso, a fantasia, o desejo, a frustração, constituindo uma forma de refletir sobre a subjetividade do eu-lírico, bem como repensar a infância e seus

desdobramentos significativos pelo viés psicanalítico, caracterizada desde o início pela falta. É a infância a base para a interpretação da vida psíquica adulta do sujeito.

No campo psicanalítico, os termos criança, infância e infantil, frequentemente usados como sinônimos, adquirem diferentes significações, especialmente com as formulações freudianas. Por exemplo, o conceito de ‘infantil’, antes relacionado a um determinado momento cronológico da vida psíquica, a infância, passa a ser abordado posteriormente sob a ótica do inconsciente, estendendo-se muito além do tempo cronológico inicial da vida do sujeito e estando associado às experiências traumáticas que gerariam o sofrimento nos anos posteriores de vivências desse sujeito. Logo, o infantil, de caráter atemporal, uma vez que não se define em função do tempo, estaria atrelado ao psiquismo, remetendo a conceitos como inconsciente, pulsão e recalque e, por esta razão, compõe a estrutura psíquica do sujeito. Já a infância, compreenderia uma etapa da vida, “um tempo da realidade histórica, marcando a diferença entre a criança e o adulto”, “a experiência que está na origem de todo discurso humano”. A criança é o lugar no “Outro”. (FAGUNDES, 2017, p. 12; PINEZI, 2017, p. 85).

Com o advento da psicanálise, a infância passa a denominar-se “o período de vida no qual os homens deveriam buscar os fundamentos para a interpretação dos males do espírito, de seus sofrimentos, de seus sintomas” (STEIN, 2011, p. 11). Para Scorsato:

A infância tem relação com um tempo de vida, um tempo passado para o adulto, **um tempo perdido**, mas não todo ele, porque lembramos algumas vivências. Entretanto, aquilo que não pode ser lembrado porque não chegou à consciência, aquilo que faltou ou o que restou como não tendo sido, é o que a psicanálise designa como o infantil da infância, aquilo que faz falar (SCORSATO, 2006, p. 103. Grifo nosso)

Assim, pode-se depreender a partir da fala dos autores aqui analisados que a infância no campo psicanalítico não prioriza um tempo em sentido cronológico, porém um tempo articulado com o “enigma da sexualidade”, de inscrições inconscientes”, marcado pelo “desejo a ser decifrado ao longo da existência do ser” (SCORSATO, 2006, p. 104).

Freud, o pai da Psicanálise ao introduzir a noção do “inconsciente” revoluciona a visão da infância, propondo a existência da sexualidade infantil desde o seu nascimento, contestando, assim, a ideia de inocência da criança e provocando verdadeiros abalos na sociedade extremamente conservadora do final do século XIX – preocupada com a moral e os bons costumes – e na concepção do sujeito sobre si mesmo. Tal sexualidade traduz-se, não na “depravação prematura” ou na “degenerescência” como muitos acreditam, porém na

representação dos sentimentos, prazeres e afetos, não necessariamente ligados aos órgãos sexuais (PRISZKULNIK, 2004, p. 74). Com isso, ele tece uma distinção entre a sexualidade animal e a sexualidade humana, estando a primeira atrelada à ideia de instinto (necessidades fixas e objeto determinado) e a segunda, à ideia de “pulsão sexual”, isto é, aquela que ultrapassa os objetivos da procriação, possuindo diferentes tipos de objeto de satisfação.

Entretanto, a normatização dos valores, comportamentos e hábitos pelas famílias e pelos demais agentes padronizadores da sociedade, levou à auto repressão e auto culpabilização crescentes, que tornavam inconciliáveis com os desejos (impulsos inconscientes) dos sujeitos, os quais passam a se dividirem constantemente em um dilema emblemático entre a culpa e o desejo.

Com a descoberta da sexualidade infantil, a psicanálise dá um novo sentido à ideia de corpo, conferindo-lhe nova especificidade, um corpo não mais objetificado, enquanto objeto da ciência, estudado em termos de sua funcionalidade biológica, mas um corpo marcado pela sexualidade e pela linguagem, resultando numa “nova leitura da construção do sujeito humano” (PRISZKULNIK, 2004, p. 75). Nesse sentido, destaca-se Lacan, para quem o sujeito está representado “por um significante para outro significante”, articulado nas “brechas do discurso, discurso inconsciente que duplica o discurso consciente, cuja falta ou falha revela parte da realidade psíquica”. Assim, Lacan introduz a noção de discurso, correlacionando-o com a noção de sujeito enquanto “posição, lugar, efeito da linguagem”, reservando ao inconsciente “o lugar da enunciação” (SCORSATO, 2006, p. 102-103). Na teoria lacaniana, o sujeito, definido enquanto efeito da linguagem, é resposta do real ao encontro do significante. E é justamente esse “encontro” que reporta à infância.

Desde a incorporação do discurso freudiano aos estudos sobre a infância, esta tem se tornado um signo original para o campo da psicanálise. Conforme referido anteriormente, a infância, nessa nova perspectiva, torna-se a base para se desvendar as etiologias dos sofrimentos psíquicos na vida adulta dos sujeitos. Observa-se também o deslocamento do verbete ‘infância’ para o adjetivo ‘infantil’, seguido de sua transmutação gramatical para um significante de ordem substantiva (STEIN, 2011, p. 11), não podendo se conceber a infância como dissociável do campo simbólico.

Agamben (2005) em seu livro intitulado *Infância e História* aproxima-se do conceito de infância apresentado por Lacan (1983) ao propor a existência de uma relação intrínseca entre a subjetividade e a linguagem, correlacionando o conceito de infância (no seu sentido

estrito, “o não falante”) com a noção de inconsciente, bem como a caracterização do simbólico e a representação psicanalítica dos signos (PINEZI, 2017, p. 84-85). Dessa forma:

A infância nada mais seria, então, do que o estado originário de uma criança em que se formam as coerências do simbólico antes mesmo de ela possuir um discurso articulado. É essa duplicidade consciente-inconsciente que se insinua toda vez que o discurso irrompe no entre lugar das significações semânticas e semióticas que Agamben chama de *in-fância*: não um “aquém” da linguagem, nem uma “não linguagem”, mas uma abertura originária à possibilidade da simbolização, da entrada no simbólico (PINEZI, 2017, p. 89).

O processo histórico de construção do simbólico da infância nesse sentido perpassa por alguns conceitos trazidos por Freud, como a culpa, a melancolia, a angústia, o trauma, dentre outros, que aparecem como símbolos nas composições poéticas de Augusto dos Anjos.

Para Furlaneto (2001, p. 65), os símbolos são elementos “multivalentes”, isto é, são “capazes de exprimir inúmeros significados”, que não são percebidos à primeira vista, revelando uma “estrutura do mundo” não evidente à “experiência imediata”. GAGNEBIN & Gheerbrant (1990, p. 17) compreendem o símbolo como “o mundo percebido e vivido tal como o sujeito o experimenta, não em função de razão crítica e no nível de sua consciência, mas em função de todo o seu psiquismo, afetivo e representativo, principalmente no nível do inconsciente”, aproximando-se do conceito proposto por Jung (1906).

De acordo com Kast (1994) apud Silva Júnior (2009, p. 67), a palavra símbolo é proveniente de *symbolain*, que quer dizer “reunir, juntar”. Os símbolos possuem a propriedade de reunir não somente “conteúdos recalçados”, acessados através de regressão da libido, como também “apontamentos para o futuro”, “uma direção para a vida”, “um significado”. Os símbolos ainda podem trazer à consciência “conteúdos arquetípicos compensatórios em relação a uma vida unilateral, parcial, fragmentária”, ressignificando “vivências pessoais” a partir de uma relação “criativa e dialética com a psique”.

Para Jung (1906), o símbolo, *a priori*, “é um fragmento de conteúdo manifesto do sonho e que faz referência a algum pensamento do sonho ou complexo”. Posteriormente, o símbolo aparece com caráter polissêmico, formando-se por meio de uma “sobredeterminação de sentidos”. Portanto, os símbolos se originam de processos internos, cuja expressão do conteúdo psíquico pode acontecer “de modo simbólico, não literal, e sim plástico, em forma de imagens, metáforas, dentre outras”. O autor compreende ainda que os conteúdos simbólicos não devem ser percebidos unicamente de modo redutivo, mas pelo contrário,

deverá ser necessário levar em consideração o inconsciente humano “em anterioridade ao recalçamento, com suas possibilidades criativas, poéticas” (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 34; 45).

Conforme salienta Viana (1994, p. 21-25), “a dimensão simbólica, própria do ser humano, se instaura a partir da nostalgia do objeto perdido”. Em relação à poética de Augusto dos Anjos, é comum a presença de signos e símbolos que referenciam uma lembrança “jamais ultrapassada”, associada às imagens, vocabulários e ritmos que remontam à representação dos sentimentos do eu-lírico, como a culpa, a melancolia, a pulsão de morte, a sexualidade. Um outro exemplo é a questão do “excesso”, o qual se constitui em marca expressiva da poesia do poeta paraibano. Tal excesso subjaz a “falta”, no sentido da “carência” e da “transgressão, que se vinculam, respectivamente, à melancolia e à culpa.

A partir da análise de alguns poemas de Augusto dos Anjos, voltados à temática da infância, conforme pudemos observar e, em consonância com as ideias defendidas por Viana (1994, p. 23), o sentimento do objeto perdido em algum momento do passado do eu-lírico aparece constantemente em sua obra. Essa perda, que pode ser tanto efetiva quanto do ponto de vista da percepção, gera sentimentos conflitantes, “dos contrastes, da diferença” de que resultam “a carência de unidade, a ruptura com a harmonia, em algum momento, entre o homem e a natureza”. Logo, a perda seria responsável “pela tensão entre os opostos, revelando-se nas contradições que compõem (e decompõem) o elemento natural. ”

Nos poemas anteriormente analisados percebe-se uma constante busca do eu-lírico com esse passado, o qual, uma vez impossível de ser alcançado da forma que pretende o eu-lírico, gera os demais sentimentos a ele relacionados, como a culpa, o fracasso, a melancolia, resultando na tentativa de construção de um mundo concreto, que tomado pelos contrastes é, na realidade, “desarticulado e em ruínas” em virtude da perda da unidade. Surgem, pois, polos tensionais na poesia de Augusto dos Anjos, marcados por antíteses, reveladoras da desarmonia, de que emerge o combate constante do eu-lírico (VIANA, 1994, p. 45).

Viana (1994, p. 38; 48-49) acresce que no *Eu e outras poesias*, predomina “o sentimento de alguma coisa perdida”, projetando no eu-poético uma característica de incompletude, marcado por “antíteses irreconciliáveis e dilacerantes”, fazendo com que ele vise sempre restabelecer sua situação de origem, fundamentando a ideia de conciliação, unidade, proporcionando, finalmente, “uma espécie de consolo” para o eu-lírico. É justamente esse bem perdido e procurado pelo eu-lírico o responsável pela falta da unidade, de que

resulta a “unidade da falta”, provocadora do sentimento de uma “unanimidade transgressiva e propiciadora de culpa”.

Portanto, o eu-lírico tem como um de seus principais impulsos, o de regressar “a antiga inexistência calma”, o reencontro com a “Coisa” “indeterminada e inapreensível”, “não-simbolizável”, definida como “um vazio em torno do qual se organizam as representações”, no máximo retomada como saudade, nostalgia. É a Coisa que “funda a direção do sujeito humano em direção ao objeto” e não pode ser reencontrada, uma vez que nunca existiu, segundo Freud. Ela se perde de modo irremediável a partir do “corte original mãe-filho” e daí nasce o impulso do sujeito à saudade, à melancolia, ao luto não realizável à errância e à incompletude e ao símbolo. “Disso o “eu-poético” se ressentia com nostalgia e desconsolo. Ele refere a saudade de algo difuso, que diz respeito a uma memória do começo – sobretudo do começo humano”, levando o eu-lírico a um “reiterado autodesprezo”, à “autocomiseração” e à “autocensura” (VIANA, 1994, p. 49-51). Tais sentimentos estão presentes nos poemas *Mágoas*, *Senectude precoce*, *Debaixo do tamarindo* e *Poema Negro*, aqui trabalhados, correlacionando-se com momentos ligados à infância do eu-lírico, conforme pudemos discutir anteriormente.

Vianna (1994, p. 60; 66) também aponta além da melancolia, a angústia, refletida nos poemas de Augusto dos Anjos, liga-se ao sentimento de “perda de um objeto”. Tal referencial, perdido na natureza, confunde-se com a própria natureza e sustenta o discurso de culpa. Diante da “natureza”, é o homem, ao mesmo tempo, “transgressor e vítima”. Em outras palavras, a natureza, assume uma configuração dupla nos versos angelinos: por ora confunde-se com o objeto perdido, “identificando-se com a causa/Coisa do mundo sobre a qual incide a ambivalência do eu-lírico”, como também representa um “domínio estranho”, “inferiorizante” “aos anseios de transcendência do ‘eu-poético’”, simbolizando os desejos, os instintos, por esta razão contestados pelo eu-lírico.

Em relação ao sentimento de mágoa, é possível perceber que nos versos angelinos esta tem ligação estreita com a melancolia, realçada pelo vocábulo “tristeza” e seus correlatos, confundindo-se com a própria vida do eu-lírico. Constitui-se na mais profunda expressão da perda do Objeto, transformando-se mesmo numa espécie de substituta desse objeto perdido, refúgio para as dores do eu-lírico (VIANA, 1994, p. 63).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a representação da infância na poesia do poeta paraibano Augusto dos Anjos, durante a primeira metade do século XX e final do século XIX, em uma época na Literatura Brasileira marcada predominantemente por profundas transformações sociais, políticas, econômicas e, sobretudo culturais, que levaram ao cenário da chamada *Belle Époque*, passando-se a ditar uma nova feição social denominada ‘modernidade’ e com ela o nascimento do ‘sujeito moderno’. Opera-se uma drástica mudança no pensamento e comportamento da humanidade.

A modernidade, ao ultrapassar as fronteiras, todos os limites geográficos do cosmo, levando o ineditismo, o conforto, o luxo, os valores de diversas ordens, as grandes invenções que marcaram a belle époque, também resultou num cenário desolador de isolamento igualmente moral e social, de incertezas, de desequilíbrios, de impasses subjetivos, de ideários deturpados, de vícios, de automatização do pensamento, de perda de criticidade, de valores, de um olhar que se volta para um presente desconectado de seu passado e preso a um futuro incerto, destruindo, reconstruindo, remodelando todo um século de antepassado e tradição à luz da nova ‘sensibilidade moderna’.

Nesse cenário é que emerge Augusto dos Anjos, com toda sua ‘filosofia moderna’ que escapa a qualquer enquadramento cronológico literário pela crítica especializada, fazendo de sua poesia uma obra emblemática, com múltiplas leituras e diferentes abordagens, de um caráter singular, dado seu conteúdo temático e ideológico, cujo aspecto formal, de versos predominantemente decassilábicos sáficos, denunciam uma poesia ‘desconfiada’ e questionadora das ‘verdades universais’ que constroem a razão, o saber humano e as crenças religiosas, desconstruindo a ideia de unidade do sujeito.

Ao mesmo tempo, porém, a obra de Augusto dos anjos é geralmente associada à imagem de uma poesia pessimista, melancólica, cientificista, associada a temáticas inquietantes, como a morte, a finitude, a autodestruição do ser, o existencialismo e o sofrimento do mundo, limitando a exploração de outros aspectos de sua obra, como sua face otimista, o amor, a esperança, dentre outros. Nesse sentido, buscamos com este trabalho atuar em tópicos pouco estudados da lírica anjosiana, selecionando a infância como um conteúdo importante para se compreender um pouco mais da poesia do autor paraibano, evidenciando-se as imagens da infância na construção do *Eu* particular e universal de Augusto dos Anjos.

Antes desse período, poucas eram as imagens da infância evidenciadas em obras da nossa literatura, tendo ganhado maior reconhecimento somente na virada do século XIX-XX, com o advento da Modernidade, momento marcante também para o desenvolvimento da psicanálise e sua aproximação com literatura, permitindo-se associá-la a uma ferramenta valiosa de análise interpretativa de textos ficcionais, bem como possibilidade teórica e crítica de leitura subjetiva da relação do autor com sua obra, possibilitando ao leitor atribuir à obra literária novas significações, tomando-se cuidado, entretanto, para não se incorrer ao biografismo, isto é, à síntese do eu-lírico com o eu-biográfico, ao procurar relacionar estritamente o conteúdo da obra à vida do autor. No caso de Augusto dos Anjos, o biografismo foi bastante utilizado pela crítica para tentar explicar a simbologia poética de sua obra durante muito tempo, adquirindo um tom impressionista, posteriormente superado pela denominada Crítica Nova, elaborada a partir da década de 1950, ao priorizar a análise estética da obra em detrimento das questões biográficas da vida do poeta.

Primeiramente, para iniciarmos a análise crítica de alguns poemas do *Eu e Outras Poesias*, tendo como foco a representação da infância, fizemos um breve apanhado histórico, desde sua definição vernácula, passando pelas diferentes concepções que o termo adquiriu ao longo da Idade Média e Modernidade até os dias atuais, no intuito de verificar as várias facetas que o verbete adquiriu ao longo da história e associá-la ao contexto histórico de produção da obra. No caso de Augusto dos Anjos, evidenciou-se uma infância descrita num ambiente em que predominavam as relações sociais escravocratas e patriarcalistas, incumbindo à imagem do Augusto criança responsabilidades precoces e a construção de uma infância consciente, não mitológica, não idealizada.

Os poemas analisados foram *Mágoas*, *Semectude precoce*, *Debaixo do tamarindo* e alguns trechos do *Poema Negro*, os quais revelaram uma poesia séria, mais transgressora, entre aforismos e sombras, sem, contudo, deixar de lado o tom memorialístico de uma infância, na qual a felicidade parece ser inexistente, fase esta que, em tese, deveria ser a mais acolhedora, um período de descobertas, de inquietações e de criações, lugar da inocência e do refúgio, permitindo certa aproximação entre obra, memória e autoria, sem, contudo, restringi-la ao elemento autobiográfico. Foi possível observar também, no que tange a poesia de Augusto dos Anjos, a presença de signos e símbolos que referenciam uma lembrança “jamais ultrapassada”, associada às imagens, vocabulários e ritmos que remontam à representação dos sentimentos do eu-lírico, como a culpa, a melancolia e o desejo de morte, fomentando um

tensionamento simbólico que sobrepuja a infância a múltiplos significados, sendo possível concluir, a partir da pesquisa na Literatura que tal dimensão simbólica se articula com a nostalgia do objeto perdido freudiano.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história* – tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ALMEIDA, Horácio de. *Augusto dos Anjos: um tema para debates*. Rio de Janeiro: Apex Gráfica e Editora Ltda., 1970, p. 3-32.

ALMEIDA, Verucci Domingos de. *A recepção da face otimista da poesia de Augusto dos Anjos*. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão (orgs.). *Augusto dos Anjos: a heterogeneidade do EU singular*. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2012, p. 427-449.

ALMEIDA, Verucci Domingos de. *O otimismo na poesia de Augusto dos Anjos*. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 2, p. 111-129, ago. 2013.

ALVES, Rubem. *Coleção Estórias para pequenos e grandes*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 5.

ANDRADE, Abrahão Costa; BARBOSA-FILHO, Hildeberto. *Augusto dos Anjos: origem e modernidade*. 1ª ed., Villa Velha/ES: Opção Editora, 2012, 80 p.

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 35ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

ANJOS, Augusto dos. *Literatura comentada: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Zenir Campos Reis*. São Paulo: Abril Educação, 1982, p. 65-68.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, [1973] 1981.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. (Trad. A. Pádua Danesi) São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, Casa do estudante do Brasil, 1946.

BARBOSA, Francisco de Assis. “Notas biográficas”. In: ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 39ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, 285 p.

BERMAN, Marschall. *Introdução - Modernidade ontem, hoje e amanhã* in: Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 14-36.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 151.

BOSI, Alfredo. *A literatura Brasileira - Vol.5 O Pré-Modernismo*. 5. ed., São Paulo, Editora Cultrix, 1967, p. 41-51.

BOSI, Alfredo. *A literatura brasileira: o pré-modernismo*, v 5. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, Coleção Grandes nomes do pensamento brasileiro, 2000.

CAVALCANTI, Luciano Dias. *Memória, infância e poesia: uma leitura de A Casa de Emílio de Moura*. Revista Investigações Vol. 28, nº 1, Janeiro/2015, p. 1-27.

CESARINO, Antonio Carlos. Comportamento Agressivo – Uma Espécie de Abacaxi. In: ABRAMOVICH, Fanny (org.). *O Sadismo de Nossa Infância*. São Paulo: Summus, 1981, p. 157.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain (1997). *Dictionnaire des Symboles. Mythes, Rêves, Coutumes, Gestes, Formes, Figures, Couleurs, Nombres*. 19e réimp. Paris: Robert Laffont/Jupiter.

COELHO, Ana. *Repensar o campo da educação de infância*. Revista Iberoamericana de Educação. n. 44/3, p. 01-10, out. 2007.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CORRÊA, Gilnei Oleiro. A cidade, a poltrona e a linha: estudos sobre a estética do frio, de Vitor Ramiel. 2013. 67 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas.

COSTA, Márcia Rosa da. *Eu também quero falar: Um estudo sobre infância, violência e educação*. 2000. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFGRS, 2000.

CORTEZ, C. Z. As representações da infância na idade média. *Anais da x jornada de estudos antigos e medievais*. Universidade Estadual de Maringá, 2011.

COUTINHO, Afrânio. SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Volumes I e II. São Paulo: Global Editora, 2001.

DOURADO, Ana Cristina Dubeux. *História da Infância e Direitos da Criança*. Edição Especial Salto para o Futuro. Ano 19 – Nº 10 – Setembro/2009.

FAGUNDES, Ana Paula. *Medicalização infantil*. Trabalho de conclusão de curso – Departamento de Humanidades e Educação, Curso de Psicologia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Santa Rosa, 2017, p. 38.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANCO, Mary Jane Fernandes. *Ficções do Eu: Augusto dos Anjos*. Dissertação (Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, 160 f., 2000.

FREYRE, Gilberto. “O pai e o filho” In: *Sobrados e Mucambos*. 9. ed., Rio de Janeiro, Record, 1996, p. 67-92.

\_\_\_\_\_, Gilberto. Nota sobre Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 76-81.

FONTES, Hermes. *Crônica Literária*. In: BUENO, Alexei. Augusto dos Anjos: obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. *Símbolo*. In: FAZENDA, Ivani. Dicionário em construção: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Infância e Pensamento*. In: GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo (Org.). Infância, Escola e Modernidade. São Paulo: Cortez Editora, 1997, p. 83-100.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GRIECO, Agripino. Um livro imortal. In: BUENO, Alexei (org.). Augusto dos Anjos: Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 81-89.

GUEDES, Linaldo. *O nirvana do eu: os diálogos entre a poesia de Augusto dos Anjos e a doutrina budista*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017, 93 f.

GULLAR, Ferreira. “Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina”. In: ANJOS, Augusto dos. *Toda poesia*. 3ª edição revista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, 226 p.

GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou a vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia de Augusto dos Anjos*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HELENA, Lúcia. *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HELENA, Lúcia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1986.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004, 284 p.

IANNI, Octávio. SEGATTO & BALDAN (Orgs.). *Sociologia e Literatura*. In: Sociedade e literatura no Brasil. São Paulo: Unesp, 1999, cap. I. p.14-15.

JUNG, Carl Gustav (1906) A Importância Psicopatológica do Experimento de Associações. In: *Estudos Experimentais. Obras Completas de Carl Gustav Jung, Vol. II*. Petrópolis: Vozes, 1997.

KANT. *Sobre a Pedagogia*. Trad. Francisco C. Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KAST, V (1994) *A Dinâmica dos Símbolos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

KERN, Daniela. *A vida como mosaico: a construção de Augusto dos Anjos em a Última Quimera*. SIGNÓTICA, v. 20, n. 1, p. 15-25, jan./jun. 2008.

KIRINUS, Glória. *Criança e poesia na Pedagogia Freinet*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

KLEINMAN, Paul. Tudo o que você precisa saber sobre filosofia: de Platão e Sócrates até a ética e metafísica, o livro essencial sobre o pensamento humano (tradução Cristina Sant'Anna). São Paulo: Editora Gente, 2014.

KULESZA, Wojciech A. *Augusto dos Anjos e a Educação do seu tempo*. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, vol. 4, p. 5-14, 1998.

LACAN, Jacques *Os escritos técnicos de Freud*. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

LIMA, Letícia Conceição de Almeida. *A educação da criança no Brasil – (RE) Contando Histórias*. Revista Paradoxa - Projetivas múltiplas em,0 educação UNIVERSO, vol. 8, nº 10/11, 2001.

MACHADO, Rául. Augusto dos Anjos. In: BUENO, Alexei (org ). *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 97-111.

MATA, Anderson Luis Nunes. *Infância na literatura brasileira contemporânea*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 46, p. 13-20, jul/dez. 2015.

NETO, Henrique Duarte. *Augusto dos Anjos ou um eu para além do puro biografismo*. Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 9, p. 203-222, ago.-dez., 2011.

NIEHUES, M. R.; COSTA, M. *Concepções de Infância ao longo da História*. Revista Técnico Científica (IFSC), v. 3, n. 1, 2012.

NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*. 2º edição. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*. 2. Ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

OITICICA, José. Augusto dos Anjos. In: BUENO, Alexei (org.). *Augusto dos Anjos : obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 112-133.

PAES, José Paulo. *Gregos e baianos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PAGNI, Pedro Angelo. *Infância, arte de governo pedagógica e cuidado de si*. Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 99-123, set./dez., 2010.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. 2ª edição. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, 368 p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Falência da crítica* (um caso limite: Lautréamont). São Paulo: Perspectiva, 1973, 179 p.

PINEZI, Gabriel. *O simbólico e o diabólico na filosofia e na psicanálise: infância e inconsciente em Agamben e Lacan*. Artefilosofia, nº 23, dezembro de 2017, p. 82-105.

PINHEIRO, Maria do Carmo Morales. *A constituição do conceito de infância e algumas questões relativas ao corpo: da idade média à modernidade*. Revista Poiésis. Goiás, v. n 1, p. 48-62, 2003.

PRISZKULNIK, Léia. *A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações*. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, Vol. 5, nº.1, 2004, pp. 72-77.

RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1988, 244 p.

RIBEIRO, Domingos de Azevedo. *A música em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1984.

RITTER, Deisi Carolina da Silva Prado. *A infância desvalida: abandono de crianças na Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre (1840-1880)*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro de Ciências Humanas e Jurídicas, Curso de História, Centro Universitário Univates. Lajeado, 2011, 106 p.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1955.

RUBERT, Nara Marley Aléssio. *O lugar de Augusto dos Anjos na poesia brasileira*. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre – Vol. 03 N. 02 – jul/dez 2007.

SCORSATO, Teresinha Bastos. *Sobre a infância: uma contribuição psicanalítica*. REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 13, n. 2, Passo Fundo, p. 99-109, jul./dez. 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 420p. ISBN85-359-0409-3.

SCHULTZ, Elisa Stroberg. BARROS, Solange de Moraes. *A concepção da infância ao longo da sua história no Brasil contemporâneo*. Lumiar, revista de Ciências Jurídicas, Ponta Grossa, vol. 3(2): 137-147, 2011.

SILVA JÚNIOR, Ronaldo Celestino. *O conceito Junguiano de símbolo desde seus primórdios*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília. Brasília, p. 103, 2009.

SIMÕES, Regina Beatriz Silva. *Psicanálise e Literatura – O texto como sintoma*. Analytica: São João de-Rei, v.6, n. 11, 2017, p. 159-179.

SOARES, Órris. Elogio de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. *Eu & outras poesias*. 35. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 29-46.

\_\_\_\_\_, Órris. Elogio de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 60-73.

STEIN, Maria Lúcia Muller. *Infantil, eu?* Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 40, p. 09-17, jan./jun. 2011.

TORRES, Antônio. O poeta da morte. In: BUENO, Alexei (org.). *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 52-60.

VIANA, Chico. *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994, 188 p.

VIDAL, Ademar. *O outro eu de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967.

VILLARI, Rafael Andrés. *Relações possíveis e impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura*. Anuário de Literatura, 1997, pp. 117-129.

WENZEL, Maria Cristina Rosa; BATISTA, Sueli Soares dos Santos. *A concepção de infância na literatura infantil*. Comunicação e Educação, Ano XI, n. 1, jan/abr 2006, p. 32-42.